

MARIA MEDIANEIRA PADOIN

O EMPRESÁRIO COMERCIAL EM SANTA MARIA/RS
(uma análise histórica sobre a CACISM)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CURITIBA, PARANÁ

1992

O EMPRESÁRIO COMERCIAL EM SANTA MARIA/RS
(uma análise histórica sobre a CACISM)

por

Maria Medianeira Padoin

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História - área de concentração em História Econômica do Brasil da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA.

Curitiba, PR - Brasil

1992

MARIA MEDIANEIRA PADOIN

O EMPRESÁRIO COMERCIAL EM SANTA MARIA/RS
(uma análise histórica sobre a CACISM)

Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestrado no Curso
de Pós-Graduação em História pela Comissão
formada pelos professores:

Orientador:

Prof. Carlos Roberto A. dos Santos
Departamento de História

Prof. Euclides Marchi
Departamento de História

Prof. Zaki Akil Sobrinho
Departamento de Economia

Curitiba, 21 de dezembro de 1992

AGRADECIMENTO

Agradeço:

- CAPES e CNPq;
- Departamento de História, Coordenação e Professores do Curso de Mestrado da Universidade Federal do Paraná;
- Professor Carlos Roberto A. dos Santos, Orientador;
- Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Imaculada Conceição";
- Professores: Terezinha Belinazzo, Teófilo Otoni Vasconcelos Torronteguy, Osmar Pohl, Magali Lopes da Luz e Edson Adair Pinto Monteiro;
- À minha família;
- Aos amigos, em especial à família Abra;
- A Deus,

a oportunidade, o apoio, a ajuda, a orientação, o aprendizado, a presença amiga ... que recebi na realização e concretização do Curso de Pós-Graduação (MESTRADO) na Universidade Federal do Paraná.

RESUMO

Santa Maria tem como característica básica ser centro comercial e prestação de serviços, centro militar e religioso, centro ferroviário e educacional. Resgatando uma destas características, que se acredita estar intimamente ligada as demais, optou-se, pelo estudo da atividade comercial, mais especificamente pelo estudo da classe empresarial local através do seu órgão representativo: a Câmara do Comércio e Indústria de Santa Maria (CACISM). Baseados principalmente nos Boletins Informativos e atas da CACISM acredita-se que esta, teve no período de 1969 a 1983, uma atuação direta no desenvolvimento local e regional, proporcionando na presente análise o relacionamento de sua postura e atuação com o modelo Schumpeteriano. O discurso da CACISM não foge dos padrões do discurso da classe empresarial nacional como pode-se comparar com trabalho sobre a FIESP, de Maria José Trevisan, onde o neoliberalismo e o destaque a industrialização estão presentes. Santa Maria, até meados de 1965 foi impulsionada em sua economia por estímulos externos, ou seja, a implantação da Viação Férrea Federal, a criação da Universidade Federal de Santa Maria. A CACISM assumindo a consciência de classe, que deveria ser líder do processo histórico, tenta ultrapassar tal fase procurando ser o agente efetivo e propulsor do crescimento econômico. Crescimento este, que atingiu especialmente o comércio e não a indústria, pois o objetivo maior desta entidade - a industrialização, esbarrou na política recessiva pós "milagre brasileiro" e na mentalidade histórica local de limita-

ção. A CACISM proporcionou "inovações" à cidade de 1969 a 1983, beneficiando especialmente o desenvolvimento e manutenção da atividade comercial. A implantação do Distrito Industrial foi um "ato inovador" mal suscedido, pois a industrialização tão sonhada não se efetivou. Assim, não podemos enquadrar por completo o modelo schumpeteriano do "empresário inovador" à associação de classe local, a CACISM.

ABSTRACT

The basic characteristic of Santa Maria is to be the commercial center and the rendering of services, military and religious center, railway center and educational center. Recuperating one of these characteristics, which we believe to be closely connected to the rest, we opted to study the commercial activity, more specifically the study of the local enterprises through its representative organ: Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria (CACISM). Based chiefly on the Boletins Informativos and Atas of CACISM we believe that it had, during the period from 1969 to 1983, a direct influence on the local and regional development, providing to the present analysis the relationship of its stance and action with the Schumpeter model. The language of CACISM fits in with the standard of the language of the national class of enterprise, as may be observed in the work about FIESP by Maria José Trevisan, where neo-liberalism and the prominence of industrialization are present. Until the middle of 1965 the economics of Santa Maria were stimulated by internal sources, such as the implantation of the Viação Férrea Federal, the creation of the Federal University of Santa Maria. The CACISM, assuming its class consciousness, to be the leader of the historical process, tries to go beyond this place by trying to be effective and propelling agent of the economical growth. This growth which affects especially commerce and not industry, because the major objective of this entity-industrialization, was brought to a stop during the recessive politics post "Brazilian miracle" and the local historical mentality of limitation. The

CACISM brought "inovações" (innovations) to the city from 1969 to 1983, especially improving the development and maintenance of the commercial activity. The implantation of the "Industrial District" was an unsuccessful enterprise, because the expected industrialization did not happen. Thus we can not harmonize completely the Schumpeter model of the "innovator entrepreneur" with the association of the local class, the CACISM.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE SIGLAS, ABREVIATÕES	viii
INTRODUÇÃO	01
I - HISTÓRIA DA ATIVIDADE COMERCIAL EM SANTA MARIA/RS E A FUNDAÇÃO "DA PRAÇA DO COMÉRCIO" (CACISM)	08
II - DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA SANTA MARIA (1885-1960) - A CONTRIBUIÇÃO DA VIAÇÃO FÉRREA	23
III - A CACISM E SEU PAPEL EMPREENDEDOR: INOVAÇÃO E/OU AFIRMAÇÃO DA ATIVIDADE COMERCIAL?	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Exportação de Produtos Agrícolas em 1920	29
TABELA 2	Número de estabelecimentos em 1922	30
TABELA 3	As rendas do Município de 1858 até 1958	32
TABELA 4	Rendas Municipais	33
TABELA 5	Participação Estadual no Produto Industrial do País - 1907 a 1980	36
TABELA 6	Indústrias em Santa Maria em 1955	38
TABELA 7	Participação das Regiões no Total do valor da Produção Industrial do RS e a participação do setor industrial na renda total do RS..	64
TABELA 8	Relação das atividades comerciais - admissões e demissões	65

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Mapa do Rio Grande do Sul, com a divisão dos tratados: Tordesilhas, Madrid, Santo Ildefonso	09
FIGURA 2	Mapa: Rota das Bandeiras e Reduções Jesuíticas do Tapes	12
FIGURA 3	Fotografia: Estação da Viação Férrea de Santa Maria em 1913	25
FIGURA 4	Gráfico: arrecadação/período	33
FIGURA 5	Gráfico: Renda/período	34
FIGURA 6	Propaganda Casas Eny	37
FIGURA 7	Fotografia: propaganda de firmas de Santa Maria - Atlantic	38
FIGURA 8	Fotografia: propaganda - Fábrica "Corriere" ..	39
FIGURA 9	Fotografia: propaganda - Moinho do Centro	40
FIGURA 10	Fotografia: propaganda - Fábrica Cyrilla	41
FIGURA 11	Mapa da área de Santa Maria, destacando o Distrito Industrial	50
FIGURA 12	Gráfico: Arrecadação de impostos em 1985 em Santa Maria	69

LISTA DE SIGLAS, ABREVIACÕES

BNDE	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
BR	Brasil
CACISM	Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria
CDL	Clube de Diretores Logistas
CEDIC	Companhia de Desenvolvimento Industrial e Comercial do Estado
CODESMA	Conselho de Desenvolvimento Economico de Santa Maria
COHAB	Conjunto Habitacional Brasileiro
DDD	Discagem Direta a Distância
DI	Distrito Industrial
DNOS	Departamento Nacional de Obras e Saneamento
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICM	Imposto de Circulação de Mercadorias
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RS	Rio Grande do Sul
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SIC	Secretaria de Indústria e Comércio
SMPIC	Secretaria Municipal de Produção Indústria e Comércio
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
VARIG	Viação Aérea Rio-Grandense

Cach. do Sul	Cachoeira do Sul
IBID	Mesmo autor e obra
Mat de Construções	Materiais de construções
Nº	Número
Perimetropol	perimetropolitana
op. cit.	na obra citada deste autor
org.	organizador

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem a pretensão de ser um estudo inerente à História Regional, com o objetivo de buscar, a partir da história local, a revisão e construção de um processo histórico específico.

A produção historiográfica a nível de Brasil, especialmente a partir da década de 30, se dedicou a escrever a História Nacional, surgindo, assim, obras intituladas História do Brasil, História Econômica do Brasil, História do Brasil Colônia, etc. Tais obras, na maioria das vezes, constituíram estudos regionais, pois enfocam como nacional, a realidade histórica do eixo Rio - São Paulo ou, como nos trabalhos sobre o Brasil Colônia - o Nordeste Brasileiro.¹

Com o surgimento dos cursos de Pós-Graduação e sua distribuição em regiões diferenciadas do eixo Rio - São Paulo foram surgindo pesquisas históricas voltadas para a história regional / local, fazendo com que o conceito de História do Brasil ou Nacional e o seu conhecimento seja revisado e ampliado.

Acreditando ser a História Regional um dos pontos de partida para se fazer a História Nacional e Geral, referenda-se a afirmação de Sandra Jatahy Pesavento: "que a importância do

¹ Exemplos: Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freire; História do Brasil, Hélio Viana.

regional deve encontrar a sua justa medida no caminho entre a especificidade e o processo global de desenvolvimento da História Brasileira e Latino-Americana".²

Assim, através do estudo da História Regional é que se poderá construir uma História do Brasil. Não apenas com o objetivo da compartimentação mas, acima de tudo, de determinar as especificidades e o fio condutor comum entre ambas. Uma visão global construída a partir das especificidades.

A presente pesquisa é um resgate da História de Santa Maria com base no estudo da evolução histórica da atividade comercial local, destacando a ação da associação da classe empresarial, a CACISM (Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria), e sua atuação e influência no desenvolvimento local e regional, especialmente no período de 1969 a 1983.

Acreditando ser a CACISM uma entidade importante para o desenvolvimento da região, é que, decidiu-se optar pela análise da atuação desta, a partir do estudo do modelo Schumpeteriano, no que tange ao "empresário inovador."

Schumpeter em sua teoria econômica construiu e

"...expôs uma nova dialética ao Capitalismo, ou seja, este seria vítima de seu próprio sucesso, sucesso que se afirma na renovação contínua do sistema pelo mecanismo das destruições criadoras provocadas pelas inovações".³

Tal renovação contínua do Sistema Capitalista é marcada por ciclos, com períodos de prosperidade e de recessão econômica. O responsável por este processo são as inovações, resultantes do

² Autonomia ou Submissão?, p. 20.

³ Paul HUGON, Evolução do pensamento econômico, p. 301.

"ato empresarial".

Assim, é dado aos empresários o papel fundamental no desenvolvimento, ou seja, a função empresarial é o veículo de contínua reorganização do sistema econômico.

"... o desenvolvimento significa apenas aquelas mudanças da vida econômica que não lhe foram impostas de fora para dentro, mas que surgiram no âmbito interno, por sua própria iniciativa."⁴

Somente o desenvolvimento ocorrerá com a realização de inovações que se originam no âmago do sistema.

Tais inovações são o resultado do "ato empresarial". O ato empresarial é a introdução de uma inovação no sistema econômico, para exemplificar, seria a colocação de um novo produto, onde este substituirá os antigos produtos e hábitos dos consumidores, fazendo com que os demais produtores invistam nesta inovação que deixará de ser inovação. Ocorrendo tal fato, o mercado se estabiliza e tende a haver um retraimento do mesmo, até surgir um outro estímulo à economia.

Assim, quem executa tal "ato" é o empresário, e este é o propulsor do progresso econômico, ou seja, o empresário inovador torna-se fundamental para o desenvolvimento da sociedade.

"Chamamos empreendimento a realização de inovações; chamamos de empresários aos indivíduos cuja função é realizá-las."⁵

O empresário inovador é função exercida por poucas pessoas,

⁴ Joseph A. SCHUMPETER, A Teoria do Desenvolvimento Econômico, p. 51

⁵ Ibidem, p. 54

peessoas essas, que tem qualidade de liderança. Tais qualidades são demonstradas através de suas realizações em período de estagnação e depressão econômica. Portanto se estas realizações têm êxito, as dificuldades desaparecem. Conseqüentemente, outros seguirão os pioneiros (inovador), sob o estímulo do sucesso por esses alcançados.

Santa Maria, no período de 1969 a 1983 sofreu diversas alterações, no sentido de um desenvolvimento infra-estrutural como, por exemplo: construções de rodovias, rede de esgoto, barragem, implementação do DDD, criação do Distrito Industrial e outros.

Tais empreendimentos e inovações tiveram como força originaria e propulsora a Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria. Esses benefícios estão associados e somados a presença: da Viação Férrea Federal, da Segunda Guarnição Militar do Brasil, da Universidade Federal de Santa Maria, e da posição geográfica - estratégica da cidade, sendo o centro do Rio Grande do Sul.

As características citadas acima, acrescidas da mentalidade do empresariado local, foram fatores que contribuíram para a formação e afirmação da atividade comercial como principal base da economia santa-mariense.

A partir daí, poder-se-á constatar que a maior parte do empresariado local esteve vinculado à atividade comercial.

A CACISM foi fundada em 1897, com o nome de "Praça do Comércio", recebendo a denominação atual em 1976. No decorrer deste trabalho, usar-se-á a denominação genérica de CACISM, apesar desta ter sofrido, em sua nomenclatura, uma evolução: de Praça do Comércio de 1897 a 1918, Associação Comercial de 1918 a 1972, de Associação Comercial e Industrial de 1972 a 1976.

A CACISM, em seu percurso histórico, teve um papel desta-

cado na história do Município, como força propulsora do progresso local.

Assim, o presente trabalho é uma tentativa da adoção do modelo schumpeteriano para a análise do empresariado local, ou seja, na CACISM, apesar de saber-se que tal modelo econômico é indicado no estudo do empresariado industrial e em estudo de casos específicos.

A partir da afirmação "... não há evolução sem inovação, nem inovação sem empresários ..." ⁶ acredita-se que em todo o desenvolvimento industrial e/ou comercial há a presença atuante do empresariado. É evidente que junto com este desenvolvimento há a defesa dos interesses da classe.

Para mostrar, inicialmente, que tal pensamento poderá ser aplicado ao empresariado comercial e, assim, à sua associação de classe, como motivadora do desenvolvimento econômico, é que partiu-se do trabalho de Maria José Trevisan sobre a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo): 50 anos em 5 - a FIESP e o desenvolvimentismo. A autora mostra a atuação conjunta do empresariado, na Federação das Indústrias, pela defesa de seus interesses e sua efetiva influência no projeto de industrialização do País.

Maria José Trevisan, em seu estudo, analisa o discurso e a prática da FIESP, mostrando que esta possuía uma consciência de classe e um projeto para o País.

No presente trabalho, o que se pretende é analisar a CACISM como sujeito do "ato inovador", não do "ato empresarial" isolado, mas como ato da classe empresarial, ou seja, "ato inovador" que parte da associação de classe.

Aqui é necessária uma ressalva, que se fará com uma

⁶ Paul HUGON, *Evolução do Pensamento Econômico*, p. 299.

afirmação da Professora Odah Regina Guimarães Costa, em seu trabalho sobre o Barão do Serro Azul: "a ação do empresário e as inovações que ele introduz devem ser inseridas num contexto histórico, com determinações de espaço e de tempo".⁷

Dividiu-se o presente trabalho em três partes: a primeira, consta uma evolução histórica da atividade comercial, desde a origem de Santa Maria à organização e fundação da "Praça do Comércio", em 1897, atual CACISM. Nesta parte, tem-se como bibliografia básica obras de caráter científico, como a de Sandra Jatahy Pesavento que tratam da "História do Rio Grande do Sul" e aspectos desta, seguindo os parâmetros do estudo da História Regional, e a Dissertação de Mestrado de Terezinha Belinazzo, "A população da Paróquia de Santa Maria da Boca do Monte (1844-1882)".

Também se consultaram obras de João Belém, com "História de Santa Maria" e, Romeu Beltrão, "Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho". Estes autores tratam da história local de forma descritiva e narrativa, trazendo importantes indicações de fontes que comprovam suas afirmações e servem para futuros estudos. Assim sendo, tais obras são como documentos históricos indispensáveis com leitura obrigatória no estudo da História Local.

Na segunda parte, far-se-á um estudo sobre a história econômica de Santa Maria, desde o fim do século XIX a meados da década de 1960. Tem-se, por finalidade, mostrar a Viação Férrea como eixo estimulador do desenvolvimento local. Destaca-se, também, como a CACISM se situa nesta fase.

As principais fontes utilizadas foram as "Atas da CACISM", os "Guias do Município de Santa Maria" (publicações da Prefeitura

⁷Ação empresarial do Barão do Serro Azul, p. 11.

de Santa Maria), o "Álbum Ilustrado Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política de Santa Maria (1858 - 1958)", as obras: "O Rio Grande do Sul" (segundo volume), de Alfredo R. da Costa e, "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros" (volume trinta e quatro), organizado por Jurandyr Pires Ferreira, sob responsabilidade do IBGE e, "Os Meios de Comunicação em Santa Maria: Viação Férrea e imprensa" de Nely Ribeiro.

Na terceira parte do trabalho, fãr-se-á um levantamento de dados que justifiquem a influência da CACISM, em especial, no período de 1969 a 1983, destacando sua atuação como principal sustentáculo do desenvolvimento local.

A partir do discurso da CACISM, tentar-se-á mostrar neste, a defesa clara da livre iniciativa, vinculado a um discurso neoliberal e, o projeto de industrialização de Santa Maria.

Com base na análise de dados, tentar-se-á mostrar se houve ou não a concretização do projeto econômico da CACISM em relação à cidade. Mostrar-se-á, igualmente, se houve coerência entre o discurso e à prática da classe empresarial, procurando identificá-la dentro do modelo Schumpeteriano.

Nesta parte, tem-se como fontes básicas as Atas e os Boletins Informativos da CACISM, além da bibliografia de sustentação teórica como: "A Teoria do Desenvolvimento Econômico, de Joseph A. Schumpeter e, as obras: 50 anos em 5 - a FIESP e o desenvolvimentismo", de Maria José Trevisan e, "Ação Empresarial do Barão do Serro Azul", de Odah R. Guimarães Costa.

I - HISTÓRIA DA ATIVIDADE COMERCIAL EM SANTA MARIA E A FUNDAÇÃO DA "PRAÇA DO COMÉRCIO" (CACISM)

Nesta primeira parte, procurar-se-a mostrar um histórico das atividades comerciais em Santa Maria, ou seja, o destaque e a importância que estas atividades tiveram no desenvolvimento sócio-econômico da cidade.

Santa Maria, desde a sua origem oficial, com o Acampamento Militar da Segunda Sub-comissão Demarcadora dos Limites, teve no comércio uma de suas características básicas. Este Acampamento atraiu desde cedo muitos comerciantes para o local. Atualmente devido, especialmente, ao grande número de funcionários residentes na cidade, entre esses estão os professores da rede municipal, estadual e federal, funcionários da Viação Férrea, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e militares, fazem com que esta característica se mantenha.

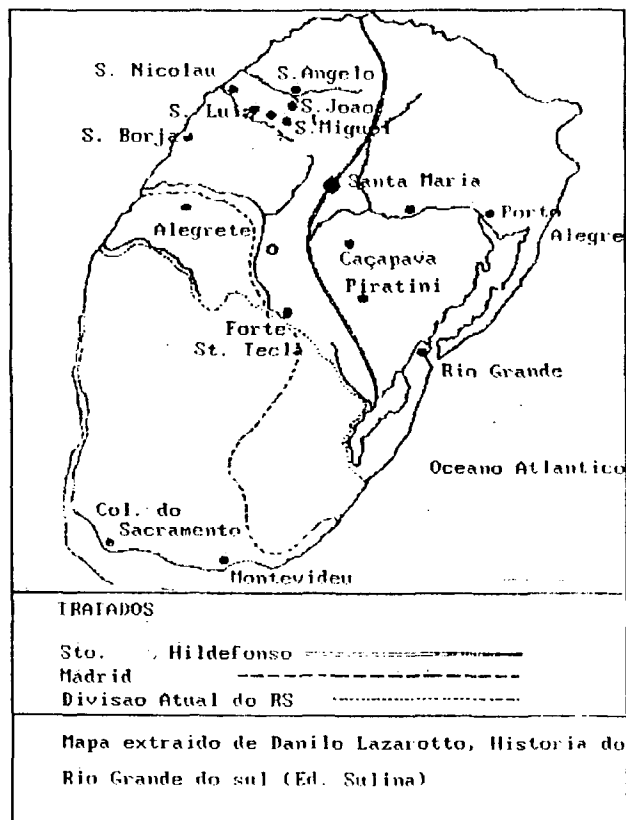
A presença militar é grande e histórica em Santa Maria, pois desde 1787 já havia nesta região militares espanhóis, devido ser este local, área fronteiriça. Mas a presença portuguesa data de 1797 com o estabelecimento da Segunda Sub-comissão Demarcadora de Limites.

Chega ao Rincão de Santa Maria vinda de São João Batista, sob o comando do Cap. Joaquin Félix da Fonseca, a Partida Portuguesa da Segunda Sub-divisão Demarcadora de Limites... dando início ao povoamento do local em que se ergueria a

cidade de Santa Maria da Boca do Monte. Vem colocar-se sob a proteção da Guarda Portuguesa de São Pedro do Passo dos Ferreiros, por ordem do Governo Veiga Cabral da Câmara.¹

Esta Guarda Portuguesa esteve acampada, em 1787, no Passo da Ferreira, próximo a um acampamento Espanhol, em São Martinho, pois isto indicaria que Santa Maria seria cidade fronteiriça, caso o Tratado de Santo Ildefonso (1777) fosse efetivado, como se pode observar no mapa e na citação abaixo.

FIGURA 1



Teve vantagens Portugal, porque não foram utilizadas as determinações do injusto Tratado, destinado a ficar sem efeito quatro anos depois, com a Guerra Peninsular de 1801 e a homérica conquista das Missões Orientais... Injusto e ignóbil, porque Portugal deveria entregar a Espa-

¹ Romeu BELTRÃO, Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho, p. 29.

nha a Colônia do Sacramento e a metade ocidental do Rio Grande do Sul em troca da devolução da ilha de Santa Catarina, sua pela Linha de tordesilhas, mas ocupada militarmente por Cevalhos. Tivesse vingado o tratado, a linha divisória passaria, em nosso atual município, por São Martinho e pelo Sarandi, a poucos quilômetros da cidade de Santa Maria seria cidade fronteiriça.²

A Segunda Subdivisão ou Comissão permaneceu neste local a fim de "concluir os trabalhos de gabinete relativos à Demarcação procedida",³ e assim garantiria a posse da região.

Esta Comissão era composta por militares. Atualmente (1990), Santa Maria é sede da Segunda Guarnição Militar do País. Em Santa Maria há 15 unidades do Exército, que serão ampliadas futuramente, acrescidas da Base Aérea.

Outro fator importante a destacar é a construção da Viação Férrea, em 1885, que levou Santa Maria a ser ponto de convergência das linhas férreas do Estado. Com isso, estabeleceu-se na cidade um vasto número de funcionários, ligados aos diversos setores da Viação Férrea.

Este fato contribuiu para a criação de uma rede hoteleira, armazéns, escolas técnicas para preparar a mão de obra especializada para a Viação Férrea, pequenas indústrias que se estabeleceram devido à facilidade do transporte. Tudo isto incentivava o desenvolvimento do comércio local.

O grande número de funcionários públicos ligados à Viação Férrea, acrescido dos militares, gerou uma demanda considerável, ou seja, eram consumidores em potencial (setor alimentício, vestuário, habitação).

Com a criação da Universidade Federal de Santa Maria, o

² Ibid, p. 29

³ João BELÉM, História de Santa Maria, p. 23

número de estudantes (população flutuante), de professores e funcionários ligados a esta, contribuíram para que a tradição de centro comercial se mantivesse.

Dados de 1988:

Número de professores da UFSM - 1.305

Número de funcionários da UFSM - 2.689

Número de funcionários municipais - 994

Número de professores municipais - 1.136

Número de professores estaduais - 3.600

Número de militares - Exército, Aeronáutica,

Brigada Militar - ± 20.000

Assim, há estimativas de ± 30.000 funcionários públicos em Santa Maria.

Além de todos estes fatores, é necessário salientar o aspecto geográfico-estratégico, onde Santa Maria constitui-se num entreposto natural e obrigatório, pois está ligada a diversos pontos do Estado por rodovias e linhas férreas, o que facilita a circulação de mercadorias.

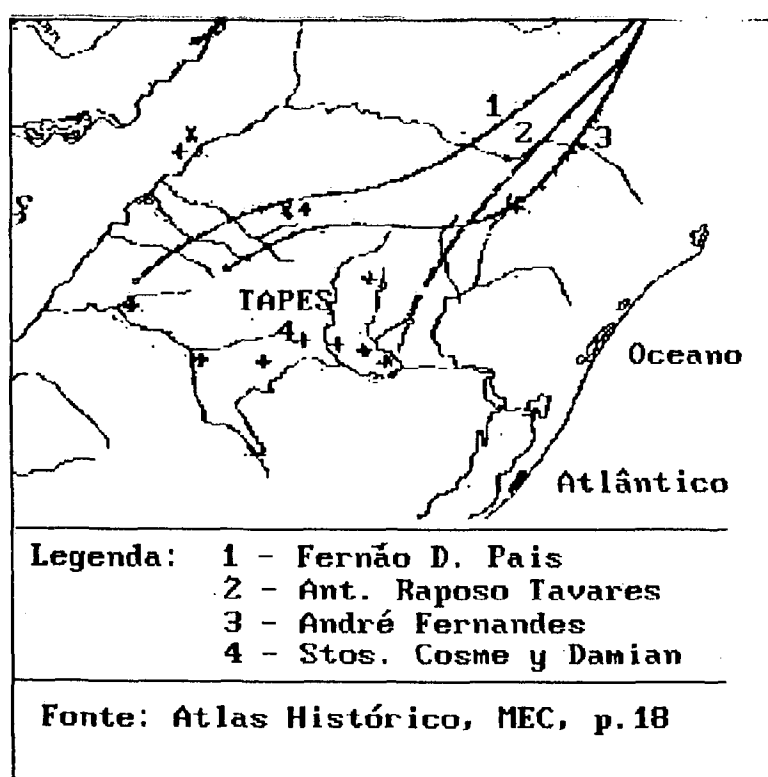
Todos estes são fatores benéficos e estimulantes ao comércio e, devido ao grau de desenvolvimento e importância que ele atingiu, possibilitou a organização e fundação de um órgão que o representasse, ou melhor, que representasse os interesses da classe empresarial de Santa Maria: CACISM - Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria.

Histórico

O marco cronológico oficial da história de Santa Maria data de 1791, com o acampamento da Segunda Subcomissão Demarcadora dos

Limites. Mas sabe-se que, nesta região, como o mapa nos comprova (figura 2) havia uma redução jesuítica, denominada de São Cosme e São Damião, fundada pelo jesuíta Adriano Formoso, na primeira etapa de criação de reduções no Rio Grande do Sul, localizada na região do Tapes, que abrangeu o período de 1630 à 1639.

FIGURA 2



A redução de São Cosme e São Damião teria sido fundada em 1634 e destruída entre 1638 à 1639 pelos bandeirantes⁴, à procura da mão de obra indígena para escravizá-la. Esta redução, como as demais da região do Tapes, foram para a área entre os rios Paraná e Uruguai.

A segunda Subcomissão Demarcadora de Limites era composta pelo seguinte pessoal: comissário, astrônomo, engenheiro,

⁴ Bandeira de Antônio Raposo (1636), André Fernandes (1637), Fernão Dias Pais (1637-38) e Domingos Cordeiro (1638-39). (Beltrão, 1978:12)

comissário pagador, capelão, oficiais auxiliares e artífices (relojoeiro, ferreiro, carpinteiro, pedreiro).

Além desse pessoal, propriamente dito da Partida de Demarcação, vários oficiais e soldados traziam esposa ou concubina e filhos, elevando o número do pessoal da caravana a mais de cem indivíduos.⁵

Não existe acampamento militar sem comerciante⁶,

pois estes são consumidores em potencial.

Este novo povoamento se tornou atrativo populacional, para as pessoas do Rio Grande de São Pedro, e de outras províncias do País, bem como dos Açores, como afirma Romeu Beltrão:

O Acampamento de Santa Maria vai tendo aumentada sua população pela chegada dos açorianos, seus descendentes, lagunenses, paulistas, paranaense e mais índios missioneiros, como se verifica pelos assentamentos de batismos, casamentos e óbitos do Arquivo do Bispado de Santa Maria.⁷

O número elevado de militares, que aparecem nesses assentamentos, deixa claro que Santa Maria sempre foi, desde o início, um importante centro militar; além do grande valor em constituir-se como centro geográfico natural e estratégico do Rio Grande do Sul.

Daí decorre outro fator característico da história de Santa Maria que foi o seu comércio, como grande marco do desenvolvimento em sua economia. Além do comércio, desenvolvia-se, paralelamente, a pecuária e agricultura (milho, trigo, alfafa, batata inglesa, fumo).

⁵ João BELÉM, História de Santa Maria, p. 23

⁶ Ibid, p. 79

⁷ Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho, p. 45

O comércio chamou a atenção de Nicolau Dreys, em seu livro sobre o Rio Grande do Sul:

... os poucos habitantes que lá permaneceram são, pela maior parte, mercadores de líquidos espirituosos e de alguns tecidos originários de compras hebdomadárias da gente do país.⁸

Saint-Hilaire afirmou:

Nos arredores de Santa Maria existem muitos estancieiros, os quais além da criação de gado dedicam-se à agricultura. Os produtos da lavoura são consumidos aqui mesmo. Toda via são exportados pequenas quantidades, para a Capela de Alegrete, onde os proprietários tendo quase os mesmos hábitos dos gaúchos, ainda não se dedicavam à agricultura.⁹

Em Tranqueiras, no interior da Capela de Santa Maria, Saint-Hilaire, observou ainda: "A produção de trigo e milho, que servia não só para o consumo, era também vendida para Cachoeira e Rio Pardo".¹⁰

Em 1828, segundo pesquisas de Romeu Beltrão¹¹, começaram a concentrar-se em Santa Maria forças militares para combater Rivera (Guerra Cisplatina pela posse da Banda Oriental). E foi neste período que veio o 28 Batalhão de Estrangeiros, composto na maioria por alemães. Muitos destes alemães, após ter concluído o tempo de serviço, fixaram residência em Santa Maria, onde muitos casaram com "nativas". Assim, estabeleceu-se na região, a

⁸ Terezinha Maria BELINAZZO, A população da Paróquia de Santa Maria da Boca do Monte (1844-1882), p. 54

⁹ Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-21), p. 339-40

¹⁰ Ibid, p. 353-54

¹¹ Cronologia Histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho, p. 90

primeira leva de alemães.

Segundo João Belém¹², em 1835, Santa Maria marchava em seu crescente progresso e a indústria pastoril desenvolvia-se prodigiosamente.

Arsene Izabelle em seu livro *Voyage a Buenos Aires et a Porto Alegre (1833-34)*, escreve:

... nota-se muita atividade nesta população central da Província. Santa Maria é o mercado das localidades circunvizinhas, como Cachoeira, Caçapava, Alegrete e São Borja. Tem ainda a vantagem de estar situada no caminho de Yerbales e Missões. (p. 36)

Nesse período, 1835, eclodiu a Revolução Farroupilha, trazendo um despovoamento ao Curato de Santa Maria de sua população masculina. Trouxe também o despovoamento dos campos quanto ao gado vacum e cavalari.

Muitos homens participaram da Revolução Farroupilha lutando na defesa do ideário político dos farrapos; outros, defenderam suas próprias vidas e interesses particulares e, ainda, outros homens que defenderam o governo federal, mas houve também muitos que fugiram da região.

Fazendeiros e agregados, comerciantes e auxiliares, agricultores e peões, todos estes operários do Bem e da grandeza da terra em que viviam, abandonaram as suas ocupações produtivas para pegar em armas, uns levados por ideal, outros pelo instinto de defesa. É que as dissensões políticas, extremando, demasiadamente, a família riograndense, divide-a em dois grandes grupos, não deixando lugar para neutralidade.¹³

¹² História de Santa Maria, p. 34

¹³ João BELÉM, História de Santa Maria, p. 77

O gado cavalar e vacum servia respectivamente como instrumento na guerra e como alimento para manter as tropas.

O comércio que florescia exuberante teve um declínio, ficando apenas dois negociantes alemães na povoação, João Appel e Gabriel Halffner (segundo João Belém), pois estes eram considerados de certa maneira "neutros".

Os alemães se inseriram nas perspectivas do Governo Central de colonizar: estes novos colonizadores neutralizariam o poder das oligarquias regionais. Aí se entende a época em que eles começaram a entrar mais em Santa Maria e no Rio Grande do Sul, período anterior e posterior a Revolução Farroupilha. Tal colonização será de povoamento, onde o elemento alemão dedicar-se-á à agricultura em pequenas propriedades.

A partir deste período, começou a chegar mais e mais alemães a Santa Maria, animando, assim, o comércio novamente.

Os alemães que chegaram a Santa Maria vêm em pequenos grupos (quatro ou pouco mais):

Chegaram a povoação os alemães André Beck, Pedro Cassel e Francisco Weinmann. O primeiro era tamanqueiro (...), o segundo, era alfaiate e depois comerciante (...) e o terceiro abriu casa comercial à esquina da rua Pacífica, hoje Dr. Bozano, com Floriano Peixoto.¹⁴

Em 1841, o comércio era considerado "um milagre germânico", segundo João Belém, devido ao fato de os alemães terem sobrevivido com seus negócios no momento da crise (Revolução Farroupilha) e os terem ampliado.

Os alemães que dele (comércio) se apode-

¹⁴ Romeu BELTRÃO, Cronolôgia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho, p. 118

raram no momento crítico que atravessou a povoação, agora, desafogados, donos da terra, comercialmente falando, ampliaram seus estabelecimentos.¹⁵

O comércio em Santa Maria, entretanto, continua firme, prestando serviços à povoação e adjacências, como um oásis em meio ao deserto.¹⁶

O alemão (1858) Roberto Avé-Lallemend, passando por Santa Maria registrou em seu livro, "Viagem pelo Sul do Brasil", que encontrou mais de trinta e duas famílias alemãs, "... e que todas as atividades locais eram alemãs: artífices, comerciantes, etc".

O elemento germânico não só no comércio foi representativo, mas também nos negócios públicos do Município. Na Câmara, em 1857, dos sete membros que a compunham, dois apenas não eram alemães.

Os alemães desenvolveram em larga escala a agricultura, formando a colônia de Santa Maria da Boca do Monte. As culturas desenvolvidas foram "... feijão, milho, batata, trigo e cevada, além da exploração de madeira de diversas espécies".¹⁷

A colônia era formada por famílias alemãs e seus descendentes que, por volta do ano de 1850, estabeleceram-se na região do Pinhal, serra de São Martinho, nas cabeceiras do Arroio Grande e Vacacaí Mirim, terras de Santa Maria e de São Pedro e Cruz Alta.¹⁸

Por Santa Maria da Boca do Monte passavam caminhos que serviam ao comércio interno da Província, nas direções da zona colonial alemã, das Missões e da Campanha, bem como o comércio que a Província fazia com o centro sul do País

¹⁵ João BELÉM, História de Santa Maria, p. 88

¹⁶ Ibid, p. 82

¹⁷ Terezinha Maria BELINAZZO, A População da Paróquia de Santa Maria da Boca do Monte (1844-1882), p. 56

¹⁸ Ibid, p. 57

e com o exterior.¹⁹

Santa Maria, desde cedo, constituiu-se como entreposto comercial da região, como observa-se na citação acima. Assim, a localização, bem como a potencialidade do comércio contribuíram para a criação do Município de Santa Maria, em 1858.

Por Lei Provincial, de 6 de abril de 1876, Santa Maria se torna cidade. Neste período, conjuntura do fim do Império, sentem-se ainda muito o centralismo governamental, mas, mesmo assim, o crescimento econômico continuava, como observa-se nas seguintes palavras:

Mas embora o férreo centralismo tolhesse a liberdade de ação da administração municipal, além de deixar a mingua, contudo o progresso local, lento mas seguro, avança, graças a incansável operosidade dos munícipes. Na sede, era o comércio, as indústrias e as artes, sob inspiração do elemento germânico e descendência.²⁰

Em 1877, chegam a Santa Maria os imigrantes italianos. Estes vieram em levadas e se localizaram em pequenos lotes de terras na Serra. Vieram para o Rio Grande do Sul para atingir os objetivos do Governo Brasileiro de criar zonas coloniais bem sucedidas, que fornecessem produtos (agrícolas e pecuários) para o sul do Brasil, e assim, se tornassem um atrativo para a vinda do elemento estrangeiro ao País.

Os imigrantes que chegaram a Santa Maria formaram uma vasta colônia que compreendia: Silveira Martins, Arroio Grande, Vale Vêneto, Vale Veronese, Sítio do Meio, Núcleo Norte, Polésine, Núcleo Soturno, Ribeirão, Núcleo Treviso (ou Geringonça) e Dona

¹⁹ Ibid, p. 58

²⁰ João BELÉM, História de Santa Maria, p. 21

Francisca.

Nesta colônia italiana, desenvolveu-se a agricultura de subsistência com a cultura do milho, feijão, arroz, fumo, trigo, alfafa, cana-de-açúcar, vinho e frutas, que se beneficiava através de uma estrada que ligava esta colônia ao Município de Santa Maria:

Santa Maria da Boca do Monte entrava na vida dos imigrantes vênéticos e lombardos que desciam a serra de Silveira Martins, ou procediam das várzeas de Arroio Grande. Haviam chegado a Terra da Promissão em fins de 1877, e em poucos anos já comerciavam na cidade as suas abundantes colheitas.²¹

Além do imigrantes italianos virem a Santa Maria para venderem seus produtos, vinham também adquirir, no comércio local, artigos de que necessitavam e, com o passar do tempo, muitos se estabeleceram na cidade.

Em 1885, chegam os trilhos em Santa Maria, e a partir daí, uma nova história se inaugura, acrescida também da consolidação da colonização italiana na região e na cidade de Santa Maria.

Neste período, as colônias alemãs no Pinhal e São Martinho se desagregaram, devido as dificuldades com o transporte de suas mercadorias, pois a Estrada de Ferro passou fora de suas sedes.

Com a Estrada de Ferro se deu um maior dinamismo econômico ao Município, havendo uma abertura de uma rede hoteleira em Santa Maria, bem como o aumento das atividades econômicas, com abertura de entrepostos comerciais e de grandes depósitos de produtos agrícolas e pastoris.

O grande impulso que a Estrada de Ferro deu ao Município

²¹ Antonio ISAIA, O século XIX na vida social, política e comercial de Santa Maria, p. 12

foi a inauguração da linha que ligou Santa Maria à capital da Província, em 1889, tornando um entreposto obrigatório das praças comerciais da fronteira e da região serrana com a de Porto Alegre.

Guardando as proporções, pode-se afirmar que o período 1885-1905, foi o que apresentou o maior desenvolvimento em Santa Maria. Senão vejamos o que aconteceu naqueles vinte anos, quando a população urbana saltou de 3.000 habitantes para 15.000 em 1905. O número de prédios subiu de 400 para 1.500²².

No Governo Imperial a carga de tributos sobre os municípios era muito grande. O centralismo governamental no Brasil foi marcante, com uma política que beneficiava o centro, ou seja, as regiões produtoras de café, em detrimento das outras regiões do País, afetando, assim, os municípios e o seu desenvolvimento econômico.

Uma prova do centralismo do Poder Imperial foi a deflagração da Revolução Farroupilha, contra a submissão econômica e política do Rio Grande do Sul ao Poder Central.

Embora o Rio Grande do Sul contribuísse com rendas vultuosas para o tesouro nacional, quase nada revertia em seu benefício. O Rio Grande do Sul acudia para as despesas gerais mais do que outras províncias, mas faltava-lhe tudo.²³

A política brasileira do II Império e início da República (1860-1900) estava baseada, economicamente, no apogeu do café. É neste período, segundo Sandra J. Pesavento, que o Rio Grande do Sul se torna o "Celeiro do Brasil", como fornecedor de produtos industriais ou não. Mas isto vem comprovar sua função subsidiária

²² KUHN, Santa Maria - Livro guia geral de 1983, p. 61

²³ Helga PICCOLO, A Política Riograndense no Império, p. 97

na economia nacional. Aqui é bom salientar que o desenvolvimento agrícola e industrial cresceu consideravelmente com a entrada dos imigrantes, surgindo duas regiões no Rio Grande do Sul que se diferenciavam economicamente: região dedicada à pecuária (criação e indústria do charque) e região colonial (agricultura e indústria).

Como o Rio Grande do Sul, assim também, os seus municípios sofreram com a política do Centro e isto, não mudará com a República.

Na República Velha se acentuou o centralismo político do Governo Federal em favor da política "café com leite".

Em Santa Maria encontramos registros desta política de "saque" que o Governo Federal fez através do Estado aos seus municípios. "Suas rendas escoavam para o erário provincial, e pouco ou nenhum proveito delas revertiam para o progresso local. O centralismo era muito grande"²⁴.

A obrigação dos comerciantes para com os poderes públicos era muito grande, bem como a concorrência que existia no setor.

Devido a estes problemas, acrescido do comércio ilegal e o contrabando muito desenvolvido na região, a classe empresarial de Santa Maria, de grande expressão na vida econômica e política da cidade, resolveu, em 1897, unir-se em uma associação de classe, chamada "Praça do Comércio", para lutar e defender seus interesses.

No dia 29 de julho de 1897, em uma reunião no Teatro Treze de Maio (hoje Biblioteca Pública) com mais de 50 cidadãos, foi fundada a "Praça do Comércio" de Santa Maria. Com o passar dos anos, essa entidade sofreu mudanças em sua nomenclatura: em 6 de

²⁴ Revista Comemorativo do Primeiro Centenário de Fundação da Cidade de Santa Maria (1914), p. 34

julho de 1918, para melhor expressar o "espírito associativo", a "Praça do Comércio" passou a chamar-se Associação Comercial de Santa Maria. Em 1976, a Associação fundiu-se com a União dos Caixeiros Varejistas, surgindo a atual Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria (CACISM).

A atividade comercial na cidade possuía uma estrutura considerável e a classe comercial, especialmente, definia o perfil do empresariado de então.

Observa-se que, no final do século XIX, os empresários possuíam uma consciência de classe. Consciência de que unidos oficialmente, em uma entidade, teriam força de representação perante os órgãos públicos na defesa de seus interesses.

II - DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA DE SANTA MARIA (1885-1960) - A CONTRIBUIÇÃO DA VIAÇÃO FÉRREA

Para entender-se a predominância da atividade comercial em Santa Maria, como pré-requisito para um maior aprofundamento na atuação da CACISM, faz-se necessário um rápido "olhar" na história da cidade, no período compreendido da instalação das ferrovias, em 1885 até 1960, onde se acelera o seu processo de decadência.

A implantação do sistema ferroviário no Brasil, faz parte de um quadro internacional de exportação de tecnologia e capital desenvolvido pelas grandes nações do século passado como, a Inglaterra e a França; a nível nacional, dentro da perspectiva de consolidação do modelo capitalista.

No Brasil, até o advento das ferrovias, em 1875, o mar foi o principal meio de transporte de mercadorias, especialmente nas regiões serranas, pois

... aqueles animais podiam ser facilmente levados pelos piores caminhos, ou seja, cruzar a imensa massa florestal que se estendia do sul de São Paulo aos campos do Rio Grande".¹

Em 1875, mais ou menos, a ferrovia estendendo-se por todos os quadrantes, elimina o caro e enferrujado mar. Caro, porque o transporte pelo mar excedia 35

¹ Antonio Barros de CASTRO, 7 ensaios sobre economia brasileira, p. 43

à 40 vezes o transporte ferroviário.²

Além das ferrovias serem um meio de transporte mais barato e rápido, interligavam as diversas regiões do Brasil, que viviam quase isoladas umas das outras. E isto facilitou, as suas comunicações e relações mútuas.

Eric Hobsbawn afirma:

Sem dúvida, no final das contas, sua capacidade para abrir países até então isolados do mercado mundial, pelos altos custos de transporte, assim como o enorme aumento da velocidade e da massa de comunicação por terra que possibilitou aos homens e às mercadorias, vieram a ser de grande importância.³

A estrada de ferro contribuiu para um maior desenvolvimento do mercado interno, bem como, facilitou o transporte de produtos do interior para as regiões litorâneas (portos) como o café que, era exportado via marítima para a Europa e Estados Unidos.

Além de contribuir para o desenvolvimento de mercado interno, estimulou a urbanização, pois fez "nascer cidades e matou outras"⁴, ou seja, alguns núcleos populacionais que ficaram à margem da rede ferroviária viram decair seu movimento ou, até mesmo, quase que desapareceu, enquanto outros, tiveram um grande desenvolvimento.

Exemplos desta última afirmação, tem-se a cidade de Santa Maria, que recebendo os trilhos, em 1885, passou a ostentar o título nacional de "cidade ferroviária". Tal título não simbolizava simplesmente a presença dos trilhos em Santa Maria, mas o que estes representaram na História da cidade e região (ver

² Alfredo ELLIS JUNIOR, Revista de História, p. 74

³ Eric J. HOBSEBAWN, A Era das Revoluções, p. 61

⁴ Emilia Viotti da COSTA, Da Monarquia a República, p. 214

figura 3).

O período que vai da fundação da Viação Férrea até meados dos anos 50, é marcado por um grande surto de desenvolvimento social, econômico, cultural, populacional.

FIGURA 3



A Estação da Viação Férrea em 1913.

FONTE: Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria. 1858-1958, p. 115.

Por mais de meio século, a ferrovia em Santa Maria caracterizou uma fase histórica em que a resolução dos problemas estava mais perto de nós e o homem pouco se importava com o fator tempo. Cumprindo sua tarefa, a rede ferroviária proporcionou o escoamento da produção de toda uma região, rica e produtiva do Rio Grande do Sul, aos grandes centros comerciais. Santa Maria, por sua situação geográfica, acolhendo vultos significativos, homens de negócios, estudantes com suas famílias que aqui chegavam constantemente, à procura do saber e do aprimoramento pessoal. Esta também foi sua tarefa social: permitiu a ligação de núcleos urbanos de povoamento, separados e diversificados pelas distâncias, contribuindo para a integração de diversos municípios do Rio Grande do Sul num passar constante

de homens e de coisas.⁵

Em 1885, chegaram os trilhos a Santa Maria com a inauguração da linha Porto Alegre - Cachoeira - Santa Maria, como afirma Krum:

Com a conclusão da linha-tronco Porto Alegre - Uruguaiana que ligou o Rio Grande do Sul de Leste a Oeste, mais a inauguração do trecho rodoviário Santa Maria - Cruz Alta (1894) e posteriormente a linha-tronco Cacequi - Rio Grande (1900), Santa Maria passou a comandar o tráfego dos trens do Rio Grande do Sul.⁶

Em 1898, a diretoria do "Compagnie Auxiliaire des Chemis de Fèr du Brèsil" da Bélgica, encampa a Rede Ferroviária Riograndense até 1920⁷. Junto a esta vêm famílias francesas e belgas, surgindo, em 1903, a Vila Belga - um conjunto habitacional para alojarem funcionários da "Compagnie".

Em 1913, é criada a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea, com o papel destacável em toda a América Latina, tornando-se um dos poderosos centros comerciais, pois

até da Europa fazia larga importação, adquirindo diretamente das fontes de produção de todo o País e do estrangeiro os artigos necessários ao consumo dos associados.⁸

Em 1958, existiam

17 armazéns e 15 farmácias, com um capital ao redor de Cr\$ 80.000.000,00 e um movimento anual de mais ou menos 500

⁵ Nely RIBEIRO, os meios de comunicação em Santa Maria: viação férrea e imprensa, p. 29

⁶ Livro Guia Geral do Município de Santa Maria, p. 61

⁷ Em 1920, devido as dificuldades financeiras enfrentadas pela "Compagnie" é encampada pelo Governo Federal e logo arrendada ao Governo Estadual (Viação Férrea Riograndense). Em 1959 passou a ser Rede Ferroviária Federal S. A.

⁸ Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria - 1958, p. 47

milhões de cruzeiros. Possuindo, além disso, um patrimônio de valor histórico na casa de 15 milhões de cruzeiros e que agora se eleva a mais de 200 milhões de cruzeiros (...) considerando o seu vultuoso prestígio na massa ferroviária que em número de 20.752 se encontra cooperativa.⁹

Dentro dos empreendimentos feitos pela Cooperativa havia verba destinada para a Educação (Fundo de Beneficência), cerca de 30% dos resultados anuais.

É também digno de registro o movimento das escolas tipicamente denominadas Turmeiras e grupos escolares que em número de 80 ministram o ensino primário a uma população escolar de cerca de 4 mil alunos de ambos os sexos, pelo longo das linhas.

Há também a preparação técnica nas escolas de corte e costura existentes em Santa Maria, Cacequi, Ramiz Galvão. O registro escolar acusa a matrícula de 4.552 alunos em 14 estabelecimentos particulares, com a responsabilidade da Cooperativa, sendo 2.944 no curso primário e 1.608 no secundário e no movimento geral das matrículas, verifica-se que foi ministrada instrução a 8.242 alunos assim distribuídos: escolas primárias mistas - 3.552; aulas de corte e costura - 138; escolas particulares - 4.552. Junto às escolas mantidas pela Cooperativa existem Clubes Agrícolas com hortas, jardins, arvoredo, criação de animais e aves.¹⁰

Quanto à Educação, destaca-se a Escola de Artes e Ofícios (1922), posterior Ginásio Industrial Hugo Taylor (1934), de Santa Maria, que tivera por objetivo central o ensino profissionalizante, como meio de obter melhores níveis de trabalho para a própria empresa, ou seja, mão de obra especializada, como: marceneiros, torneiros, modelistas para fundição, carpinteiros, torneiros mecânicos, funileiros, pintores, tipógrafos.

⁹ Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política de Santa Maria - 1958, p. 47

¹⁰ Ibid, p. 48

Santa Maria, por volta de 1950, possuía o título de "Metrópole Escolar do Rio Grande do Sul", devido o grande número de escolas da Rede Municipal, Estadual e Particular. Sendo que, desde 1939, Santa Maria era designada para a sede da 8ª Delegacia de Educação do Rio Grande do Sul.

Em 1955, havia na cidade

184 unidades escolares de ensino fundamental comum, com 14.239 alunos; 5 estabelecimentos de ensino superior; 5 unidades de ensino ginasial; 4 ensino colegial; 3 ensino pedagógicos; 3 de comercial; 3 de industrial; 6 artístico e, 1 sacerdotal.¹¹

No setor de Saúde, a Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea, cria a Casa de Saúde, centro de assistência hospitalar aos associados.

Além destes investimentos feitos pela Cooperativa, pode-se destacar a infra-estrutura industrial com : torrefação e moagem de café, oficinas tipográficas, moldagem, fundição, marcenaria, oficina mecânica e de eletricidade, confecção, alfaiataria, saboaria, bem como açougues e depósito de lenha.

Santa Maria, sendo o entroncamento de diversas linhas, possuía a sede da Viação Férrea, tornando-se, assim, um entreposto obrigatório, tanto para importação quanto para exportação de mercadorias, como também, polo de atração populacional, devido a sua rede de ensino e ao seu comércio,

Nas zonas do centro e norte do Estado, floresceu um comércio interno caracterizado por sua dinamicidade que resultava não só do contato com o mercado nacional, através de importações e exportações, como também de trocas que se faziam de região para região no próprio Estado.¹²

¹¹ Jurandir Pires FERREIRA (org.), Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE), p. 180

¹² Heloisa Jochims REICHEL, RS: economia e política, p. 242

Nesta afirmação enquadra-se Santa Maria, por possuir uma produção considerável no setor agrícola, graças, especialmente, ao elemento imigrante alemão e italiano, que se dedicavam a esta atividade, principalmente no terceiro e quarto distritos rurais, São Pedro do Sul e Silveira Martins, respectivamente.

Foi através, principalmente, da Viação Férrea que era feita a exportação dos produtos agropecuários para a região, bem como para Porto Alegre, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.¹³

TABELA 1

EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS EM 1920	
PRODUTOS	QUANTIDADES
ARROZ	120.000 kg
ALFAFA	4.000.000 Kg
AMENDOIM	25.000 Kg
BATATA INGLESA	1.500.000 Kg
CEVADA	20.000 Kg
CEBOLA	100.000 Kg
FEIJÃO PRETO	1.500.000 Kg
MILHO	300.000 Kg
TRIGO EM GRÃO	30.000 Kg
LARANJA	200.000 Kg
VINHO	200.000 Lt
AGUARDENTE	1.000.000 Lt
FARINHA DE MILHO	200.000 Kg
FARINHA DE MANDIOCA	200.000 Kg
FONTE: Alfredo R. da COSTA, O Rio Grande do Sul, p. 201	

¹³ Jurandir Pires FERREIRA (org), Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE), p. 180

Observa-se na TABELA 1, que a alfafa, batata inglesa, feijão preto e aguardente foram os produtos que se destacaram na exportação em 1922.

Na pecuária destacava-se (1922), a criação de bovinos, com 120.000 e suínos 50.000; além de eqüinos 10.000; ovinos, 10.000; muares 1.000¹⁴; que eram comercializados com as regiões próximas, como o Paraná.

Quanto ao comércio, este está vinculado ao desenvolvimento da História de Santa Maria e com a Viação Férrea se intensifica, sendo um atrativo "a homens de negócios" como, por exemplo, o elemento judeu que formou a colônia judaica de Filipson.

A indústria local era voltada, principalmente, à elaboração de matérias-primas agropecuárias, como observa-se na tabela 2. Esta característica esta presente também no restante do Estado, pois tanto a região colonial serrana, como a de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande estavam intimamente relacionados com a atividade agropecuária.

TABELA 2

ESTABELECIMENTOS EM 1922	
1922	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS
Fábrica de vinho	200
Fábrica de sabão, velas, perfume	002 (cada)
Fábrica de Farinha de Mandioca	029
Cortume	004
Fábrica de Aguardente	011
Fábrica de Cerveja	003
Olarias	028
Fábrica de Fumo	019
Engenho de Arroz	004
Fábrica de charutos e cigarros	003
Fábrica de Melaço	006
Moinho de trigo, milho, etc	031
Fábricas de móveis, malas, carruagens	015
Fábrica de caramelos e vassouras	004

¹⁴ Alfredo R. COSTA (org), O Rio Grande do Sul - V II, p. 201

Fábrica de torrar e moer café	007
Fábrica de Águas gazosas	002
Casas comerciais de secos e molhados	387
Modistas	008
Padaria	010
Massas alimentícias	002
Casas de calçados	009
Depósito de produtos do País e mat. de construção	018
Farmácias	002
Joalherias	004
Casas de armário	007
Celarias	006
Ferrarias	023
Serrarias	007
Lombilharia	005
Atelier Fotografia	004
Barbearia	041
Alfaiataria	020
Açougues	024
Agências comerciais diversas	027

 FONTE: Alfredo R. COSTA, Rio Grande do Sul, Volume 2, p. 202.

Através da relação apresentada, conclui-se que o desenvolvimento do comércio e da indústria local se deu em função da Viação Férrea, em outras palavras, a Viação Férrea propiciou um acúmulo de capital à classe empresarial e rural local, especialmente a comercial. A indústria local vivia em função do comércio e, esta atividade, se sustenta, primordialmente, com a Viação Férrea.

Para melhor exemplificar a influência das Ferrovias em Santa Maria, apresentar-se-á, na tabela a seguir, as rendas do Município no período de 1858 até 1958. Procura-se observar a divisão do período em 2 partes: o que se estende de 1858 a inauguração dos trilhos em Santa Maria, em 1885 e, o período posterior, até 1958.

Observa-se que a média de arrecadação de 1858 a 1884, no período de 26 anos é de 4.769 \$ 847 (3,85%) e, de 1885 a 1889, a média de arrecadação é de 43.312 \$ 666 (6,66%), no período de 4 anos.

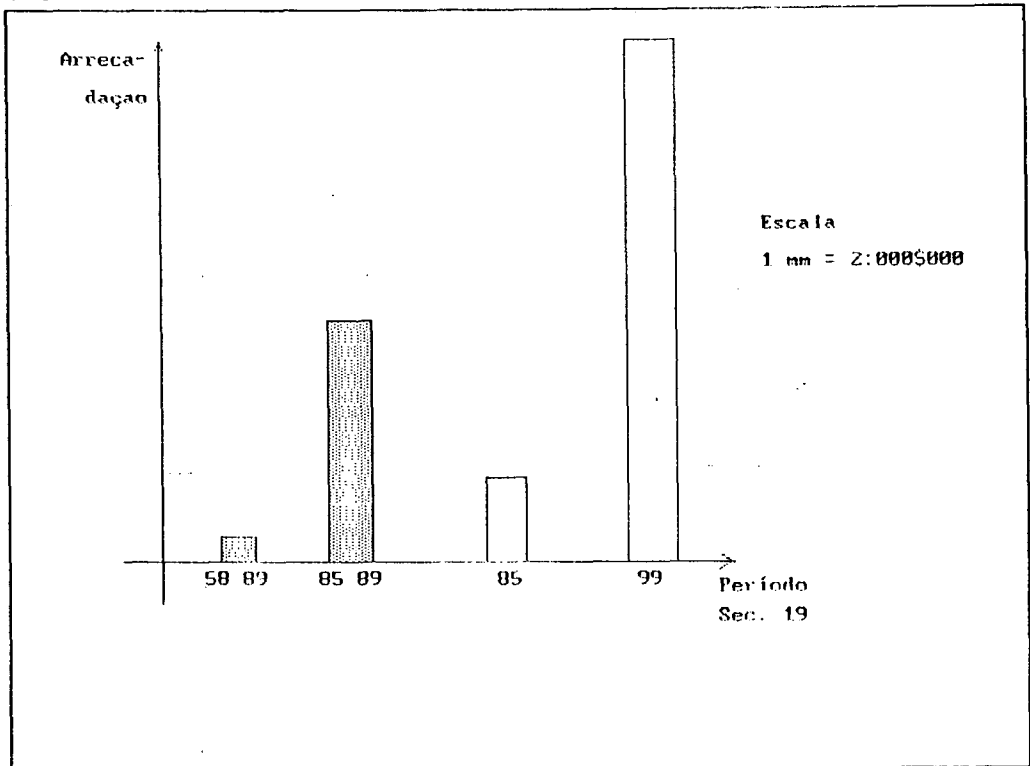
Verifica-se que, a partir de 1885, com a instalação dos trilhos em Santa Maria, a renda Municipal no período de 15 anos aumentou em 523% em relação aos anos anteriores, como se pode notar na tabela e gráfico abaixo:

TABELA 3

AS RENDAS DO MUNICÍPIO DESDE 1858 ATÉ 1958			
Arrecadadas:			
De 19 de Maio a 30 de Junho de 1858	13\$000	1909	143:640\$000
1858/1859	3:157\$640	1910	205:930\$000
1859/60	3:472\$000	1911	205:230\$000
1860/61	2:722\$000	1912	221:495\$000
1861/62	2:210\$400	1913	259:000\$000
1862/63	2:614\$520	1914	292:270\$000
1863/64	2:027\$260	1915	296:600\$000
1864/65	2:219\$900	1916	291:250\$000
1865/66	2:400\$000	1917	309:550\$000
1866/67	3:060\$000	1918	345:090\$000
1867/68	3:875\$000	1919	345:000\$000
1869/70	4:200\$000	1920	380:900\$000
1870/71	4:500\$000	1921	444:920\$000
1871/72	4:835\$333	1922	488:060\$000
1872/73	4:235\$333	1923	515:750\$000
1873/74	4:382\$666	1924	545:490\$000
1874/75	5:158\$280	1925	999:064\$000
1874/75	4:222\$900	1926	975:150\$000
1875/76	5:158\$280	1926	785:200\$000
1876/77	4:977\$000	1927	820:000\$000
1877/78	6:001\$500	1928	1.111:600\$000
1878/79	5:345\$860	1929	1.025:400\$000
1879/80	8:841\$300	1930	1.008:700\$000
1880/81	7:690\$000	1931	2.141:796\$000
1881/82	8:075\$500	1932	2.158:957\$000
1882/83	12:930\$640	1933	1.903:117\$840
1883/84 — Até Dezembro	5:702\$720	1934	1.893:117\$800
1885 Janeiro a Dezembro	13:008\$670	1935	2.049:971\$000
1886	14:375\$770	1936	2.295:000\$000
1887	13:684\$270	1937	2.220:000\$000
1888	11:926\$580	1938	2.426:210\$000
1889	15:667\$850	1939	2.850:000\$000
1890	17:631\$000	1940	2.640:000\$000
1891	18:910\$000	1941	2.640:000\$000
1892	30:101\$800	1942	2.640:000\$000
1893	38:609\$700	1943	2.800:000\$000
1894	45:272\$530	1944	3.000:000\$000
1895	71:441\$220	1945	3.000:000\$000
1896	80:610\$000	1946	3.000:000\$000
1897	85:920\$000	1947	7.000:000\$000
1898	90:210\$000	1948	Cr\$ 7.200.000.00
1899	102:320\$600	1949	Cr\$ 7.905.000.00
		1950	Cr\$ 7.858.000.00
		1951	Cr\$ 7.878.500.00
		1952	Cr\$ 18.310.000.00
		1953	Cr\$ 16.317.000.00
		1954	Cr\$ 21.910.000.00
		1955	Cr\$ 25.200.000.00
		1956	Cr\$ 42.000.710.00
		1957	Cr\$ 49.290.000.00
		1958	
Receitas orçadas:			
1900	106:576\$000		
1901	106:660\$000		
1902	110:200\$000		
1903	116:910\$000		
1904	120:210\$000		
1905	125:580\$000		
1906	127:035\$000		
1907	131:640\$000		
1908	128:100\$000		

FONTE: Album Comemorativo do Primeiro Centenário da Emancipação do Município de Santa Maria (1858-1958), p. 37

FIGURA 4



Ao comparar-se a arrecadação de Santa Maria, com os municípios de Cruz Alta, Passo Fundo e rosário do Sul, tem-se claro o significativo destaque do desenvolvimento econômico desta cidade.

TABELA 4

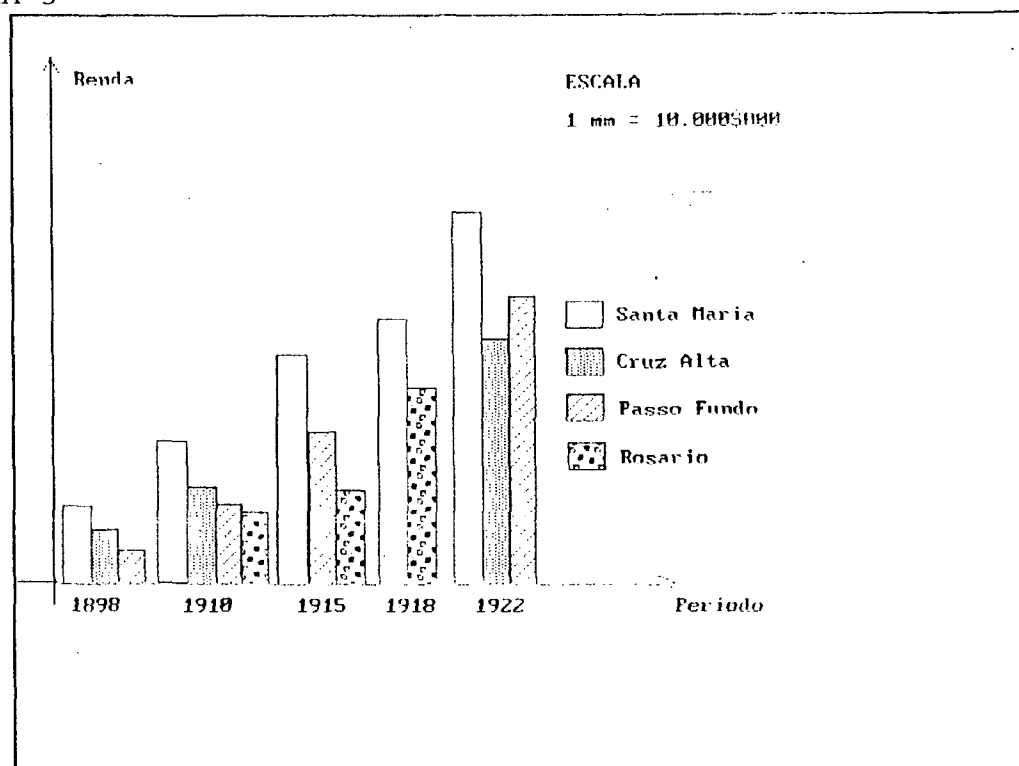
RENDAS MUNICIPAIS				
DATA	SANTA MARIA	CRUZ ALTA	PASSO FUNDO	ROSÁRIO
1898	90:210\$000	50:000\$000	28:000\$000	-----
1910	205:930\$000	101:630\$000	82:000\$000	73:702\$885
1915	296:600\$000	-----	200:000\$000	110:265\$000
1918	345:090\$000	-----	-----	240:443\$000
1922	488:060\$000	315:400\$000	382:000\$000	-----

No ano de 1898, Santa Maria possuía uma renda de 80,42% superior a de Cruz Alta e de 222,17% a Passo Fundo.

Em 1910, Santa Maria em relação a Cruz Alta, possuía uma renda superior de 102,62%; em relação a Passo Fundo de 151,13% e a Rosário, de 179,40%.

Em 1922, Santa Maria teve uma renda de 54,47% superior a Cruz Alta e de 27,76% a Passo Fundo.

FIGURA 5



Conclui-se, a partir dos dados apresentados e representados, que o desenvolvimento de Santa Maria, desde 1885, teve um grande impulso e, este, deveu-se, especialmente, à presença da Viação Férrea.

Santa Maria constituía-se em um centro ferroviário do qual partiam trens para a fronteira do Uruguai, da Argentina e para outras partes do Estado e do Brasil. Havia, inclusive, o Trem da Serra que vinha direto de São Paulo.

Santa Maria passou a ser um ponto de referência dos moradores de municípios vizinhos em decorrência do grande número de lojas estabelecidas na cidade. Não era mais necessário fazer uma viagem a Porto Alegre para comprar.¹⁵

O crescimento de Santa Maria entusiasmou o empresariado

¹⁵ Jornal "A Razão", 14 dez. 1990, p. 11

local, mas este não percebeu que tal crescimento era circunstancial. Primeiramente, porque, os empreendimentos se limitavam às possibilidades que a Viação Férrea oferecia, ou seja, não necessitavam de mais empreendimentos que fossem além de suas fronteiras, pois a sua empresa se sustentava pela Viação Férrea - como já se afirmou anteriormente.

Em segundo lugar, a partir dos anos 50, com o incentivo do Governo Federal ao ingresso da indústria automobilística no País, o automóvel, gradativamente, ocupou o lugar e os privilégios do trem. A partir de Juscelino Kubistcheck se prioriza os investimentos principalmente em rodovias.

A Viação Férrea, aos poucos, perde o seu papel significativo. A partir de 1940, a expansão do automóvel e as estradas de rodagem dispersaram recursos antes empregados na ferrovia. Esta, não tendo mais o apoio necessário dos governantes, é vítima de uma má administração e começa a enfrentar um longo processo de decadência.¹⁶

Em terceiro lugar, a partir dos anos 30, com a intensificação da política de substituição das importações e com o incentivo à industrialização, nota-se que a concentração industrial no Brasil se estabelece no eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais, em detrimento de outros estados como, o Rio Grande do Sul.

Além do eixo central ser beneficiado com a maior disponibilidade de capital para o investimento, acumulado previamente pelo café, a própria política econômica federal tinha suas atenções voltadas, primordialmente, para esta região; ficando o Rio Grande do Sul com o seu papel tradicional de economia subsidiária e complementar.

¹⁶ Nely RIBEIRO, Os Meios de Comunicação em Santa Maria: Viação Férrea e Imprensa, p. 24

O Rio Grande do Sul com suas empresas centradas predominantemente na transformação dos produtos agropecuários e produtos químicos simples, além de uma expressiva produção metalúrgica¹⁷ foi perdendo o seu espaço na participação no Produto Industrial do País, como se pode observar no quadro apresentado abaixo:

TABELA 5

PARTICIPAÇÃO ESTADUAL NO PRODUTO INDUSTRIAL DO PAÍS - 1907 A 1980 - EM PORCENTAGEM (%)					
ANO	SP	RJ	MG	RS	OUTROS ESTADOS
1907	16,5	33,1	4,8	14,9	30,7
1920	31,5	20,8	5,5	11,0	30,2
1938	43,2	14,2	11,3	10,7	20,6
1958	53,2	11,2	5,7	8,1	21,8
1970	54,3	17,0	6,0	6,7	16,0
1980	60,0	15,0	10,0	5,5	9,5
FONTES: Argemiro BRUM, O Desenvolvimento Econômico Brasileiro, p. 71 Sandra Jatahy PESAVENTO, História do Rio Grande do Sul, p. 122					

Em 1955, o comércio era uma atividade muito expressiva na economia local. Havia 747 estabelecimentos,

... entre os quais 714 dedicam-se ao varejo e 33 ao comércio por grosso, sendo de destacar o vulto considerável do nosso movimento comercial.¹⁸

Destaca-se nesse setor o comércio de calçados, com as Casas Eny, fundada em 1924.

As Casas Eny, de Salvador Isaia e Irmãos Ltda. praticamente monopolizam o mercado calçadista local e regional.

¹⁷ Sandra Jatahy PESAVENTO, História do Rio Grande do Sul, p. 125

¹⁸ BOLETIM da Associação Comercial (atual CACISM), jun. 1947, p. 18

FIGURA 6



SALVADOR ISAIA & IRMÃOS LTDA.

Fundadas em 1924, num pequeno prédio da Rua Silva Jardim, pelo Snr. Luiz Andrade, teve como auxiliar o jovem Salvador Isaia, hoje sócio-diretor dessa prestigiosa organização. As Casas ENY, com sua matriz e duas filiais, formam atualmente entre as maiores entidades calçadistas do Brasil. A firma Salvador Isaia & Irmãos Ltda. orientou de tal maneira o comércio de calçados no Rio Grande do Sul que há muitos anos se tornou tradição o suprimento a todos quantos aqui aportam, diariamente, em suas viagens de recreio ou de negócios. Adquirir calçados nas Casas Eny, já se tornou hábito rotineiro dos inúmeros clientes que se tornaram verdadeiros amigos e propagandistas do estabelecimento que se tornou conhecido em todos os quadrantes do nosso Estado pela sua correção nos negócios e excelente qualidade dos calçados que vende. Para tanto a direção da firma não mede esforços, propugnando para sempre e cada vez mais manter a confiança e a simpatia que o público, de tôdas as camadas sociais, dispensa às tradicionais «CASAS ENY», orgulho de Santa Maria e do Rio Grande.

FONTE: Album Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria 1858 - 1958, p.

A indústria era atividade mais desenvolvida ao lado do comércio, possuindo em 1955, 202 estabelecimentos.

A indústria de Santa Maria estava vinculada, como já afirmou-se, à produção agropecuária e ao comércio possibilitado pela Viação Férrea.

TABELA 6

INDÚSTRIAS DE SANTA MARIA EM 1955 - NÚMERO EM PERCENTAGEM (%)	
alimentar	69,8
bebidas	25,0
madeira	0,9
mobiliária	2,2
fumo	1,5
vetuário, calçados, artefatos de tecidos	3,8
couros e produtos similares	0,7
transformação produtos minerais	5,5
química e farmacêutica	4,2
metalúrgica	0,4

FONTE: Jurandyr Pires FERREIRA (org.), Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, p. 180

Observa-se o predomínio do setor de alimentação (tabela 6), com 69,8%. Destacam-se neste setor o Grupo Atlantic (figura 7), de Weissheimer Irmãos e Cia Ltda, com a produção de café e balas; a Fábrica Corrieri (figura 8), no setor de massas; o Moinho do Centro (figura 9), na produção de farinha de trigo e derivados (biscoitos, bolachas, pães, etc.).

FIGURA 7



FIGURA 8

FÁBRICA "CORRIERE"

de

FELIX ABAIDE & Co.

Fábrica de massas alimentícias de primeira qualidade, produzindo todos os tipos italianos, de sabor inigualável e extraordinária eficiência alimentar. Os seus produtos de grande aceitação local são também encontrados em todas as cidades circunvisinhas, demonstrando o grande apreço que lhes dispensa o público em geral.

A Fábrica «Corriere» ufana-se de haver cooperado com a sua produção para o maior desenvolvimento do parque industrial de Santa Maria, no seu centenário.

Rua Riachuelo nº 106 — Fone, 569

SANTA MARIA



Secção de empacotamento da fábrica «Corriere»

FONTE: Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria 1858 - 1958, p.

FIGURA 9



FONTE: Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria 1858 - 1958, p.

Ainda na atividade industrial aparece em segundo lugar a indústria de bebidas, onde se sobressai a Fábrica Cyrilla, que foi pioneira da indústria de refrigerantes do interior do Rio Grande do Sul.

FIGURA 10

FÁBRICA CYRILLA

Vva. F. Diefenthaeler & Companhia

Fabricantes dos insuperáveis produtos que conquistaram UM VOTO DE LOUVOR e o GRANDE PRÊMIO na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, no ano de 1922.

Água Tônica Cyrilla — Laranjada Cyrilla — Guaraná Cyrilla — Água da Fonte «DIAMANTINA», Gazosa Cyrilla — CYRILLINHA e vários licores de elevada classe, esmeradamente preparados pelo químico Snr. Ernesto G. Geys, que se acha devidamente registrado sob n.º 866 na Secretaria de Agricultura e Comércio do Estado do Rio Grande do Sul.

HISTÓRICO DA FIRMA

A Fábrica Cyrilla nasceu do esforço conjugado de dois homens perseverantes e trabalhadores que muito confiavam no grande futuro desta extraordinária cidade. E foi assim que, no dia 21 de Setembro de 1910, os Snrs. Frederico Diefenthaeler, já falecido e o químico Snr. Ernesto G. Geys, iniciaram uma pequena fábrica de bebidas, no mesmo local onde hoje se encontram as modernas instalações desse grandioso estabelecimento.

Modestamente, sem alarde e sem propaganda, a não ser a boa qualidade dos seus produtos, iniciavam esses dois pioneiros da indústria de bebidas em Santa Maria a mais importante fábrica do interior do Rio Grande.

Inúmeros foram os enormes obstáculos a serem vencidos. A luta titânica dava-lhes força para enfrentar com

mais galhardia as dificuldades que surgiam a todo momento. E forjando na dificuldade a tempera de sua capacidade produtora, conseguiram vencer e os resultados extraordinários aí se encontram para atestar o valor dos fundadores da Fábrica Cyrilla, que hoje goza de um conceito altamente honroso, para a indústria de Santa Maria.

Quando há poucos anos, a Fábrica Cyrilla inaugurou as suas moderníssimas instalações, passando a operar com possantes e modernas máquinas automáticas, recebeu a maior demonstração de apreço e carinho que um povo pode dispensar a um estabelecimento dessa ordem.

Acorreu à sua festa de inauguração o que de mais representativo tinha a cidade de Santa Maria e não lhe faltaram os aplausos sinceros das congratulações espontâneas, pelo elevado progresso a que chegaram os seus dirigentes, que tudo fizeram para dotar o nosso parque industrial do que de mais perfeito possa existir em bebidas refrigerantes.

Atualmente dirigem os destinos da firma, na parte comercial o Snr. Erich Afonso Weber e na parte industrial o veterano químico Snr. Ernesto G. Geys, tendo como auxiliar encarregado das destilações o jovem Snr. Ary Weber.

A Fábrica CYRILLA, pioneira da indústria de Refrigerantes no Interior do Estado, encontra-se localizada à rua Marechal Deodoro n.º 50, com telefone n.º 406, em

SANTA MARIA — Rio Grande do Sul

FONTE: Álbum Comemorativo do Primeiro Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria 1858 - 1958, p.

A partir da especificidade e do papel da economia gaúcha no contexto nacional e como reflexo de uma política federal, a Viação Férrea e a industrialização de Santa Maria decaem gradativamente.

Em 1959, a Viação Férrea passou para a administração do Governo Federal, transformando-se na Rede Ferroviária Federal (RFFSA) e "Santa Maria" encontrou outro ponto para colaborar na sua sustentação de cidade comercial: a criação da Universidade Federal de Santa Maria, em 14 de dezembro de 1960¹⁹.

A Viação Férrea sendo um atrativo a "homens de negócio" no passado santamariense, influenciou na própria configuração do empresariado local, pois trouxe novos agentes para a cidade. Isto fez com que, a partir dos anos 30, a associação empresarial se reorganizasse²⁰ e definisse o seu papel e função.

Assim, a associação empresarial passou a pensar e investir na sua estruturação e conseqüente afirmação como classe.

Pode-se então dizer que o período que se estendeu da fundação (1897) da CACISM a meados dos anos de 1960, a associação empresarial passou por uma fase de estruturação interna: traz para seus quadros de sócios a classe ruralista local; cria o Boletim Informativo da associação (1943); preocupa-se em ter representantes políticos na Câmara de Vereadores; luta pela construção de sua Sede própria; aumenta o quadro de sócios; cria o programa de assistência médica para associados; reforma os seus estatutos, entre outros.

¹⁹ Primeira Universidade Federal do interior do Brasil.

²⁰ Períodos de inatividade da CACISM: 1909, 1924-1926, 1931-1933.

III - A CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA E SEU PAPEL EMPREENDEDOR: INOVAÇÃO E/OU AFIRMAÇÃO DA ATIVIDADE COMERCIAL?

Santa Maria é conhecida como "cidade comercial", enfatizando a predominância desta atividade em sua economia e delineando o perfil do empresariado local.

A entidade que representa este empresariado - a CACISM, teve muita influência no desenvolvimento de Santa Maria e Região, com destaque ao período dedicado a este estudo: 1969 a 1983.

Neste período, destaca-se, na presidência da CACISM, Cirilo Costa Beber, como um dos principais promotores da atuação desta entidade.

Em seu processo histórico ou em seu "fazer-se", a CACISM constituiu uma entidade de classe, consciente de seus interesses e do papel que acredita dever cumprir na e para a sociedade.

O comércio em Santa Maria desenvolveu-se com forte atuação de empresas familiares locais. E serão estes homens que estarão presentes à testa da CACISM e, em especial, na sua presidência¹. Isto não exclui a participação crescente de empresas de fora de Santa Maria, que também estarão associadas a esta entidade de classe.

A partir do final dos anos 60, observa-se que as regiões

¹ Alcides Roth (1935 - 1940 e 1942 - 1951): Casas Roth S/A.
Aquiles Segala (1967 - 1968): Casa Vera Maria.
Cirilo Costa Beber (1969 - 1982): Empório Doméstico.
João Trevisan (1982 - 1989): Rede Supermercados Trevisan.

mais desenvolvidas do Brasil (eixo Rio - São Paulo - Minas Gerais) estavam em uma fase eufórica - expansionista do capitalismo industrial, destacando na década de 70, a fase do chamado "milagre brasileiro".

Em Santa Maria, no referido período, prevalecia o acúmulo de capital, oriundo, especialmente, da atividade comercial (65% do dinheiro que circulava).

O momento histórico e os empresários de Santa Maria, através da CACISM, contribuíram para a construção de um projeto de industrialização local, no qual o Brasil estava inserido, mais efetivamente a partir de meados dos anos 30.

A CACISM sendo representante dos interesses dos empresários, junto aos poderes constituídos locais, e destes, perante o Poder Estadual e Federal, além do projeto de industrialização, reivindicou recursos para investimentos na melhoria da infraestrutura da cidade e região. Essas reivindicações, quando atendidas, foram molas propulsoras do desenvolvimento local, especialmente o do comércio.

Evidenciando o que foi referido acima, ao comprovar-se com alguns dados demonstrativos da atuação da CACISM, retirados de um Relatório presente no Boletim Informativo da associação, bem como de suas Atas:

- 22/08/1969 - Inauguração de um Escola do SENAC.
- 1970:
 - conclusão da Barragem do Vacacaí-Mirim e outras obras do DNOS;
 - iniciada campanha de mais telefones para Santa Maria;
- 1971:

- criada linha direta de ônibus para as praias do RS;
- inauguração de uma linha direta aérea da VARIG para Porto Alegre;
- CACISM patrocina e sedia o 6º Congresso de Associações Comerciais do RS;
- Santa Maria é escolhida para sede da 6ª Região da Federação das Associações Comerciais do RS (por ser a terceira economia do Estado e pela atuação da CACISM);
- inaugurada a nova Rede de Esgoto em Santa Maria;
- plano e criação do CODESMA;
- elaborada projeto de criação do Distrito Industrial;

1972:

- inauguração de uma Central Telefônica com mais de 3.000 terminais;
- A Associação Comercial passa a chamar-se Associação Comercial e Industrial de Santa Maria²;
- criado o Seguro de Vida em grupo para os associados;
- instalação do Telex e Central DDD;

1974:

- conclusão das estradas asfaltadas:
BR/158 (Santa Maria - Júlio de Castilhos : norte)
RS/62 (Santa Maria - São Sepé - sul e sudeste)
- desapropriação de terras para o Distrito Industrial.

1976:

- fusão das Associações Comercial e Industrial com a União dos Varejistas, resultando na CACISM;

² Objetivo de agregar as forças pois dependem os mesmos interesses e de ser projeto da Associação - a industrialização de Santa Maria.

- conclusão da sede, o Palácio do Comércio;
- promoção de Cursos de Aperfeiçoamento, Convenções, Seminários para os associados.

Neste elenco de realizações, observa-se que foi criada uma infra-estrutura voltada especialmente às comunicações e aos transportes, bem como o investimento na organização e estruturação da própria CACISM, como a construção de sua sede própria.

Através dos dados acima, ver-se-á que este período foi um marco na história contemporânea de Santa Maria, onde o sujeito histórico foi a classe empresarial, ou seja, a CACISM.

O empresário santa-mariense é, em sua maioria, um empresário comercial, e a partir de observações existentes nos Boletins Informativos da CACISM que procurar-se-á analisar, em parte, o discurso da classe empresarial local.

Nós empresários não podemos nos omitir. Somos defensores da livre iniciativa e, por isto, devemos unir nossos esforços a fim de que as conquistas sociais sejam conseguidas livre e pacificamente. Devemos ocupar uma posição de liderança construtiva dentro de nossa comunidade. O comerciante e o industrial devem participar de suas entidades de Classe ...³

A CACISM, em 1969, tendo em sua presidência, Cirilo Costa Beber, percebe a necessidade histórica que tem a entidade local de reavivar a consciência de classe, em um momento político que tinha uma exigência: a classe empresarial industrial/financeira (nacional e estrangeira) do centro do País é a base de sustenta-

³ Cirilo Costa BEBER, Boletim Informativo da CACISM, nov. 1970, p. 01.

ção do novo regime e estava a frente do projeto econômico por este implementado.

O discurso apresentado, na citação acima, é um chamamento ao empresariado local a assumir o seu papel de sujeito, ou seja, de líder do projeto de desenvolvimento da cidade.

É em nome do progresso da comunidade, que a CACISM coloca os seus objetivos; objetivos esses da classe empresarial local.

O discurso de Cirilo Costa Beber, então presidente da associação, é um discurso característico da classe empresarial, seja ela comercial ou industrial.

Maria José Trevisan em trabalho sobre a FIESP, coloca o ideário do empresariado industrial da época, o que vem de encontro ao discurso apresentado pela CACISM, entidade que congrega em sua maioria empresários vinculados ao setor comercial:

As lideranças industriais falam ao mesmo tempo pela classe e para a classe, fornecendo-lhe os fundamentos necessários, seja para a defesa do projeto e da estratégia, seja para sua definição enquanto sujeito político, convocando-a para participar e prestigiar das suas entidades representativas.⁴

O pensamento empresarial da CACISM apresenta três características ou pontos chaves, intimamente vinculadas e que são:

1. Defesa da livre - iniciativa;
2. A importância da união e consciência de classe dos empresários no sentido desta ser líder do processo histórico e de desenvolvimento;

⁴ 50 anos em 5: a FIESP e o desenvolvimento, p. 67

3. Defesa da industrialização de Santa Maria.

1. Defesa da livre-iniciativa

Acredita-se que a defesa da livre-iniciativa é algo inerente, próprio do pensamento da classe empresarial, independentemente se esta for industrial ou comercial.

Na defesa da livre iniciativa está implícito o discurso a favor da liberdade econômica e da iniciativa privada.

Tal posicionamento empresarial está vinculado ao "Liberalismo Econômico", que desde o século XVIII tem uma evolução adaptativa dentro do Sistema Capitalista.

A defesa da liberdade econômica está vinculada ao ideário "liberdade, igualdade", onde segundo este, todos são iguais e têm a liberdade de prosperar, mediante a capacidade de seu trabalho e de seu espírito criador, entendido isto como: todos têm iguais oportunidades.

Encontra-se este posicionamento, no discurso da FIESP apresentado por Maria José Trevisan: "Isto repousa no pressuposto liberal de garantia da propriedade privada, pois todos têm direitos, dependendo do acesso a eles, do espírito de iniciativa e da capacidade de cada um"⁵

Na defesa da livre iniciativa, subentende-se a defesa da iniciativa privada. Em outras palavras, a classe empresarial é contra as empresas estatais, ao menos em seu discurso, por entender ser esta uma das causadoras da crise econômica-financeira do Brasil.

"Inconciliável é a idéia da livre iniciativa com aquela de

⁵ 50 Anos em 5: A FIESP e o desenvolvimentismo, p. 88

monopólios governamentais sobre produtos do trabalho privado."⁶

Esta idéia não vem em oposição a uma política-econômica protecionista, bem ao contrário, afirmam ser este um dever do Estado, ou seja, beneficiar e proteger a iniciativa privada, bem como a seus interesses. Defender a iniciativa privada e ser contra a estatização é defender o ser capitalista.

Segundo Maria José Trevisan, é em função da iniciativa privada que o empresário (FIESP), define o papel e o lugar do Estado:

- não interferir no processo de concentração de renda...;
- não substituir a iniciativa privada nos meios de produção ...;
- orientar e estimular a iniciativa privada ...⁷

O empresário santa-mariense está de acordo com tais princípios, exigindo em seu discurso apoio governamental para seus projetos mas, desde que este não interfira diretamente nos pontos básicos citados.

... a economia brasileira está apoiada num tripé: a empresa estatal, a empresa multinacional e a empresa privada (...). A penetração das empresas estatais e multinacionais em espaços que deveriam caber à empresa privada nacional, é uma das maiores preocupações dos empresários e economistas.⁸

Esta fala da CACISM, em primeiro lugar, encontrará justificativa na situação histórica brasileira do biênio 1975-76, com o projeto "Brasil Potência", do Governo Geisel, (continuidade

⁶ Boletim Informativo da CACISM, maio 1984

⁷ 50 anos em 5: a FIESP e o desenvolvimentismo, p. 93.

⁸ Boletim Informativo da CACISM, out. 1976, p. 2

do plano "milagre brasileiro"). Aquele projeto foi um chamamento do governo às empresas estatais e multinacionais, especialmente no setor industrial (bens de capital).

Segundo Argemiro Brum⁹, isto foi o resultado de reivindicações das empresas privadas nacionais. Mas tal desejo não se efetivou com sucesso, devido, especialmente, à falta de estrutura para competirem com as multinacionais e estatais. O mecanismo de estímulo que o governo ofereceu como recursos financeiros do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) foram muito caros (juros que favorecem os bancos e prejudicam as empresas), bem como a tecnologia exigida para tais empreendimentos.

Em segundo lugar, cabe notar que o discurso da classe empresarial local é liberal, o que não impede que tal posicionamento possa ser considerado contraditório.

É bem verdade que o liberalismo econômico do século XVIII era contra toda e qualquer interferência do Estado na economia. Mas o Sistema Capitalista evoluiu através de mudanças ou reformas que não tocaram na sua estrutura básica, mas foi se readaptando, dependendo das condições do momento e do local histórico.

Assim também o discurso empresarial, como os meios de alcançar os seus interesses, com o passar do tempo, irão se reestruturando, mas a essência é a mesma: a defesa da iniciativa privada, a garantia da propriedade, a democracia econômica, temas esses vinculados ao discurso hoje chamado de neoliberal.

Junto com a defesa da iniciativa privada encontra-se também a defesa da democracia econômica, como se pode notar no texto seguinte retirado do Boletim Informativo da CACISM:

⁹ O desenvolvimento econômico brasileiro, p. 143

Os empresários demonstram querer um verdadeiro pacto social que, somando as forças do governo e da iniciativa privada enfrente vantajosamente os desafios expressos nos nossos paradoxos sócio-econômicos e lance as bases de uma sociedade tão próspera quanto justa, tão voltada para o desenvolvimento quanto para os valores humanos. Tudo isso sem o sacrifício dos parâmetros da economia de mercado, inerente ao regime democrático, mas ao contrário, fortalecendo a iniciativa privada como o único sistema capaz de promover a justiça social em clima de liberdade.¹⁰

Estão presentes no pensamento da classe empresarial santamariense a concepção de democracia política e democracia econômica.

A concretização da democracia política passa pela conquista, em primeiro lugar, da democracia econômica¹¹; é o que se pode observar no discurso local, quando este apresenta a questão da justiça e dos valores humanos posteriormente, ou seja, como consequência de uma sociedade próspera e voltada para o progresso econômico:

... e lance as bases de uma sociedade tão próspera quanto justa, tão voltada para o desenvolvimento quanto para os valores humanos.¹²

Assim, a: "... democracia econômica é a vigência de um regime que garanta a liberdade econômica, e mais especificamente, a liberdade da iniciativa privada."¹³

¹⁰ Boletim Informativo da CACISM, 1980, p. 01

¹¹ Maria José TREVISAN, 50 anos em 5: a FIESP e o desenvolvimento, p. 27

¹² Boletim Informativo da CACISM, 1976, p. 01

¹³ Maria José TREVISAN, 50 anos em 5: a FIESP e o desenvolvimento, p. 88

Estas afirmativas são pressupostos, segundo o discurso empresarial, à garantia de "conquistas sociais em clima de paz" (ordem social). Somente uma sociedade próspera, ou seja, desenvolvida economicamente, a partir dos parâmetros já citados, poderá constituir-se como uma sociedade justa. Tal pensamento vem de encontro ao discurso da FIESP: "Para produzir riqueza, a indústria precisa de paz, segurança e trabalho."¹⁴

Para os empresários, a consciência de classe é a consciência de serem líderes do binômio: democracia econômica - democracia política.

Outro exemplo da mentalidade liberal (neoliberal) é a criação, em Santa Maria, do Dia do Comerciante, em 1960.

A Associação Comercial teve por finalidade destacar a pessoa de um comerciante modelo de cidadão e empresário e que tenha tido participação nas atividades da entidade do comércio e atuação comunitária.¹⁵

O dia escolhido para a comemoração do "Dia do Comerciante" foi 16 de julho - dia natalício de José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairú, Patrono do Comércio Brasileiro, preconizador da abertura dos portos às "nações amigas" ao comércio mundial no governo de D. João VI.

O "Comerciante do Ano" é escolhido entre os empresários, porque através do seu trabalho obteve sucesso empresarial e deverá ser considerado um modelo-exemplo para os demais.

Além do Comerciante do Ano ser considerado modelo de empresário, por ter atingido em sua empresa um maior

¹⁴ Ibid, p. 70

¹⁵ Boletim Informativo da CACISM, maio/jun. 1978, p. 3

desenvolvimento que as demais, está também implícito que ele deva ser modelo de cidadão.

Cidadão seria aquele que participa de sua associação de classe, ou seja, que esteja consciente de sua condição e se destaque em ações comunitárias, participando de entidades de assistência social, político-representativas. Ou talvez, o modelo de cidadão fosse também uma indicação para regradar os meios que se devesse utilizar para alcançar o prestígio empresarial.

"Não existem, portanto, barreiras nem preconceitos de qualquer ordem impedindo a ascensão dos que tem merecimento e valor": discurso da FIESP, que se encontra no trabalho de Maria José Trevisan.

É muito difícil encontrar no discurso a questão cidadão/operário, ou seja, como um empresário seria modelo de cidadão quanto a sua relação com os seus operários.

"Através de seu trabalho..." - aqui tem-se duas significações: o mito do enriquecimento pelo trabalho, vinculado ao ideário liberal, e o "ato trabalho" que o levou ao sucesso ou destaque, poderá ser considerado um ato empresarial inovador.

Todo o trabalhador poderá através de seu trabalho obter a ascensão econômica e social, dependendo exclusivamente de seu esforço, pois todos nascem livres e têm as mesmas oportunidades.

Mas quando aparece a definição: através de seu trabalho, refere-se ao "ato trabalho" do empresário; que é um trabalhador pertencente a uma categoria diferente do operário.

2. Projeto de industrialização de Santa Maria

O início do processo de industrialização no Brasil se deu

com a inversão do capital acumulado pela agricultura cafeeira, dentre outros, aplicada na indústria, especialmente na região central do País.

Juntamente com este fator, pode-se salientar a criação de um mercado interno.

A criação desse mercado interno deu-se num momento em que a universalização do trabalho livre tornou-se um imperativo para a própria acumulação do capital da economia cafeeira, posto que ela passou a encontrar um obstáculo insuperável na mão de obra escrava.¹⁶

A fase de industrialização se deve especialmente ao alargamento do excedente de capital da economia cafeeira, que proporcionou o aumento do mercado interno ao atrair a mão de obra imigrante (assalariada), a ampliação da rede de transportes, expansão do sistema bancário, o aumento da produção de energia e urbanização, especialmente no eixo Rio de Janeiro - São Paulo. É neste sentido que, a economia cafeeira estabeleceu as condições para o desenvolvimento do setor industrial.

Essas condições possibilitaram a efetivação da industrialização, vindo ao encontro dos objetivos das classes empresariais do centro do País, contribuindo para isso, especialmente, a ampliação da política econômica de "substituição das importações."

A industrialização se desenvolveu através do processo de substituição de importações, ou seja, produzir no País o que antes era importado do exterior. Nesse processo, podemos distinguir três fases, segundo Argemiro Brum¹⁷:

¹⁶ Edgard de DECCA, 1930: o silêncio dos vencidos, p. 142.

¹⁷ O desenvolvimento econômico brasileiro, p. 53

- 1º) produção de bens de consumo imediato (bens não duráveis);
- 2º) produção de bens de consumo duráveis;
- 3º) produção de bens de capital e insumos básicos.

Pode-se dizer que a primeira fase corresponde ao início de tal política, onde os principais ramos são: alimentação, vestuário, utensílios domésticos¹⁸, etc. Seria o período, segundo Bresser Pereira, em que se dá a transformação de uma economia agrícola mercantil em uma economia capitalista industrial.¹⁹

A segunda fase, se dá a partir da década de 50, com a implantação da indústria de bens duráveis, que exigem um volume de capital, tecnologia avançada e mão de obra especializada. Estas indústrias se localizaram especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, ficando os demais estados, em geral, como consumidores. Aqui, se dá também, a grande entrada de capital estrangeiro²⁰. Período onde predomina uma economia capitalista integrada, denominada, segundo Bresser Pereira, de modelo de Subdesenvolvimento Industrializado.

A terceira fase, inicia-se mais ou menos em 1974, que marca a implantação da indústria de bens de capital e de insumos básicos, associados a uma grande e dominante entrada do capital estrangeiro, tanto financeiro, como a tecnologia estrangeira²¹, caracterizando o modelo de Subdesenvolvimento Industrializado

¹⁸ Ibid, p. 54

¹⁹ Desenvolvimento e crise no Brasil (1930-1983), p. 272

²⁰ Argemiro BRUM, O desenvolvimento econômico brasileiro, p. 54

²¹ Ibid, p. 55

Maduro²².

O processo de industrialização do Brasil, coincide com a consolidação da hegemonia da classe empresarial, como classe dominante na política brasileira, especialmente a partir de 1930. Juntamente a isso se dá a consagração do capitalismo industrial - financeiro no Brasil, mas este de forma dependente e periférica.

Assim como o Brasil está inserido dentro do sistema capitalista de forma dependente, também o Rio Grande do Sul se coloca em relação ao contexto nacional.

A industrialização no Rio Grande do Sul, desde o final do século XVIII, está ligada à pecuária e seus derivados, especialmente à indústria do charque (fins do século XVIII e século XIX). Com a vinda dos imigrantes alemães, a partir de 1824 e dos italianos, 1875, se dá um maior desenvolvimento da lavoura (policultura) comercial, formando na Depressão Central e Serrana a região colonial.

Em fins do século XIX se distinguem no Rio Grande do Sul como centros industriais: Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

Porto Alegre se vincula à produção para o mercado colonial local, indústria tipicamente regional, pois para ela convergia o excedente gerado pela agricultura colonial (licores, cerveja, gasosa, tecidos, couros, chapéus, vidros, etc), enquanto Rio Grande e Pelotas produzem para o mercado nacional (charque, moinhos, charutos, tecelagem, conservas alimentícias).

Essa atividade comercial, vinculada à Zona Colonial, foi igualmente importante no processo de industrialização, na medida em que delimitou capital. Os capitais mercantis acumulados e

²² Luiz Carlos Bresser PEREIRA, Desenvolvimento e crise no Brasil (1930-1983), p. 273

investidos na indústria tinham a sua origem num comércio que se desenvolveu a partir das trocas realizadas dentro do próprio Estado e vinculadas ao mercado interno brasileiro.²³

No caso do Rio Grande do Sul, assim como no do Brasil, como um todo, a acumulação via comércio (exportador ou voltado para o mercado interno) proporcionou condições para a transformação interna no sentido do capitalismo.²⁴

No final do século XIX e início do século XX, encontra-se o centro-sul do País inteiramente comprometido com o café, e o Rio Grande do Sul, chamado "celeiro do Brasil", como fornecedor de alimentos.

Mas com a crise do café, o Rio Grande do Sul começa a sentir a competição com os outros Estados pelos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo, por estes se voltarem também à atividade agropecuária, perdendo terreno às manufaturas gaúchas. A partir de 1930 entram, no Rio Grande do Sul, muitas indústrias de outros Estados, bem como, mais tarde, multinacionais.

O Rio Grande do Sul passa a desempenhar o papel (mais ou menos 1960 em diante) de monocultor agrícola para exportação, de uma lavoura empresarial (trigo, soja, arroz), adequada às exigências do desenvolvimento capitalista brasileiro.

A indústria gaúcha situa-se, de 1959-70, como produtora de bens intermediários (peças, componentes para a indústria do centro do país), condições estas que a mantém atrelada à economia brasileira, dependendo das oscilações cíclicas do mercado nacional.

Ocorre, também, uma produção de máquinas, equipamentos,

²³ Heloísa Jochins REICHEL, RS: economia e política, p. 63

²⁴ Sandra Jatahy PESAVENTO, RS: agropecuária colonial e industrialização, p. 23.

fertilizantes e adubos para servir ao segmento da agricultura capitalista regional.

A efetiva industrialização do Rio Grande do Sul se torna uma grande meta dos seus governantes, mas a questão da industrialização esteve sempre ligada à agropecuária, demonstrando fortes ligações com o ruralismo gaúcho.

Enquanto o centro do País lutava por uma política de industrialização, a partir de 1930 (acentuando-se em 1955), ou seja, a industrialização como meta central para o desenvolvimento do País e soluções de seus problemas, Santa Maria inicia a luta pela industrialização, especialmente na década de 70, apesar de ser um antigo sonho dos seus comerciantes e industriais:

Santa Maria é o centro virtual do Estado. Essa situação de grande valor, economicamente falando, garante a Santa Maria um futuro de vida industrial intensa. Santa Maria será a cidade mais industrial do Estado, em futuro não mui remoto.²⁵

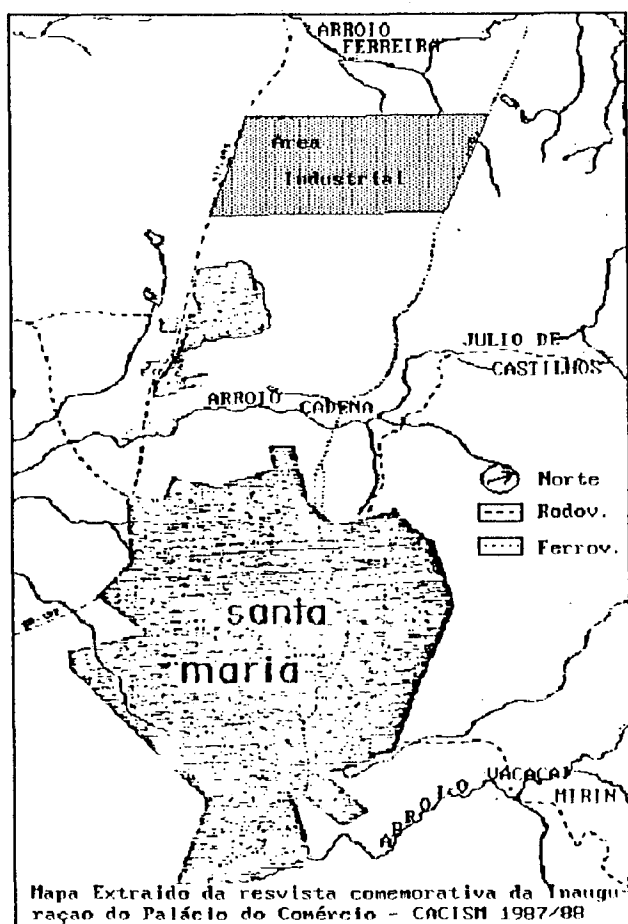
Este plano de industrializar Santa Maria se reflete no projeto do Distrito Industrial da cidade, que foi implantado oficialmente, em 1975, pelo Secretário de Indústria e do Comércio do Rio Grande do Sul, Cláudio Strassburger, que vai ao encontro de um plano nacional de descentralização industrial. Este projeto ficou concluído em 1976.

O imenso Distrito Industrial com área de 1.126 hectares dista 5 Km do centro da cidade. Na primeira etapa serão aproveitados 500 hectares, sendo 250 para sediar indústrias e 250 para área

²⁵Revista Comemorativa do Primeiro Centenário de Fundação da cidade de Santa Maria - 1914, p. 19.

habitacional (COHAB).²⁶

FIGURA 11



O Distrito Industrial, ou seja, a industrialização de Santa Maria, é aspiração máxima da CACISM.

O projeto do Distrito Industrial surgiu, efetivamente, no período do chamado "milagre brasileiro", mas sua oficialização ocorreu no período em que já se começam a sentir os resultados desastrosos da política de Médice e continuada por Geisel, juntamente com a crise econômica agravada pela alta dos preços do petróleo, e alta inflação, bem como o aumento dos preços das matérias primas e dos produtos industrializados que constituem o

²⁶Boletim Informativo da CACISM, abr. 1976, p. 01.

maior peso das importações.

Como soluções para todos esses problemas, a classe empresarial vê, na industrialização local, a solução mais indicada, gerando empregos e criando riquezas ... pensamento este comum na economia política gaúcha, que tem por volta dos anos de 1960 como objetivo central - a industrialização.

"Por essa razão, os empresários santa-marienses devem pensar menos em comércio e mais em industrialização."²⁷

No período chamado "milagre brasileiro", o País se mobilizou para o transporte rodoviário e desestimulou o setor ferroviário, o que levou o governo brasileiro a importar enormes quantidades de combustível que encarecia violentamente os meios de transporte e, conseqüentemente, as mercadorias que necessitavam destes.

A CACISM²⁸ na década de 70, reivindicou a construção de rodovias que ligassem todo o Estado com Santa Maria²⁹, beneficiando, assim, a entrada e saída de mercadorias; em última análise, a favor do comércio local. A propaganda e incentivo à industrialização de Santa Maria foi intensificada no período estudado.

SANTA MARIA É UMA NOVA OPÇÃO PARA INVESTIDORES

... o nome de Santa Maria no mapa do Estado do Rio Grande do Sul, que ilustra um folheto promovido e mandado imprimir em inglês pela Secretaria de Indústria e Comércio para ser distribuído entre os participantes do Seminário Internacional de Investidores que vai se realizar em Porto Alegre nos dias 25 a 28 do mês

²⁷ Boletim Informativo da CACISM, set/out, 1974, p. 01.

²⁸ Ver na página 46, o relatório, com as rodovias.

²⁹ Ver mapa na página 59

corrente. No mapa constam também quatro outros municípios onde serão instalados também distritos industriais oficiais do Estado.

A localização estratégica do novo polo industrial do interior gaúcho e na cidade que mais cresce no Rio Grande do Sul é, indiscutivelmente, mais uma excelente opção para os investidores nacionais e estrangeiros.

Santa Maria, "Coração do Rio Grande do Sul", centro ferroviário e rodoviário, centro comercial e de prestação de serviços, centro militar e universitário, com cursos de graduação e de pós-graduação, foi escolhida após estudos de viabilidade econômica e inserida pelo governo do Estado, dentro da política de desconcentração, para sediar o novo pólo de desenvolvimento regional no interior do Estado.

Pesquisas de mercado apontam a viabilidade de Santa Maria para inúmeras indústrias, para atender a demanda de produtos do norte, sul e centro-oeste do estado.

O imenso Distrito Industrial com área de 1.126 hectares, dista 5 quilômetros do centro da cidade. Na primeira etapa serão aproveitados 500 hectares, sendo 250 para sediar indústrias e 250 para a área habitacional. Na área habitacional já foi iniciada a construção de 850 casas pela COHAB. O projeto do D.I. ficará pronto em setembro deste ano.

No D.I. funcionarão todos os serviços de apoio. centro administrativo, repartições públicas, comércio, entidades bancárias e serviços de assistência médica e social. Está também prevista a instalação de um ramal ferroviário, bem como áreas verdes e para esporte e lazer.

SELEÇÃO DE INDUSTRIAS PARA O DISTRITO INDUSTRIAL

Os empresários que desejarem instalar suas indústrias no D.I. devem primeiramente dirigir uma "Carta Consulta ao Sr. Secretário de Indústrias e Comércio do Estado, comunicando esse interesse e mencionando as principais características da indústria. Formulários da "Carta Consulta" podem ser obtidos na Associação Comercial e Industrial de Santa Maria. O envio da "Carta Consulta não envolve ainda nenhum compromisso para o empresário.

Obtido o despacho favorável do Sr. Secretário de Indústria e Comércio, o

empresário interessado é convidado para assinar um "Contrato Preliminar" com a companhia de Desenvolvimento Industrial e Comercial do Estado - CEDIC, para cessar o terreno a título precário. Esse contrato, que tem o prazo máximo de um ano, oportunizará tempo para que o empresário elabore o projeto definitivo.

Aprovado o projeto definitivo pela CEDIC o terreno será escriturado e o interessado pagará o preço estipulado. Esse preço não foi ainda definido, mas segundo informações da Secretaria da Indústria e Comércio e da CEDIC, o mesmo será de conveniência, quase simbólico.

Após a escritura do terreno, a empresa terá o prazo máximo de 4 anos para iniciar a produção na nova indústria.

Os investidores interessados poderão obter informações complementares na SIC, CEDIC, Associação Comercial e Industrial de Santa Maria ou no Conselho de Desenvolvimento Econômico da mesma cidade.³⁰

No Boletim Informativo da CACISM, encontra-se a afirmação:

Prometeu o presidente Cirilo Costa Beber todo o apoio às atividades do comércio. Mas, enfatizou que a industrialização de Santa Maria seria o grande objetivo da entidade CACISM.³¹

Observa-se que o discurso em prol da industrialização é claro e constante nos pronunciamentos da CACISM.

A industrialização local em seu processo histórico esteve vinculada, como afirmou-se, a agropecuária e era facilitada pela presença da Viação Férrea, pois esta oferecia o meio de transporte mais favorável economicamente.

Com a crise da Viação Férrea e a política governamental

³⁰ Boletim Informativo da CACISM, abriu 1966, p. 01. Este texto foi elaborado sob a responsabilidade da Secretaria de Indústria e Comércio do Rio Grande do Sul, para o Seminário Internacional de Investimento, com o título: Santa Maria é uma nova opção de investimento.

³¹ Boletim Informativo da CACISM, out. 1976, p. 01

voltada para o incentivo da agricultura empresarial de exportação (trigo, soja) contribuíram para o declínio da produção agropecuária local, onde se dedicavam, nesta região, a policultura em pequenas e médias propriedades. Isto contribuiu conseqüentemente, para o decréscimo da indústria vinculada a este setor.

O Sistema Capitalista é marcado por ciclos, com períodos de prosperidade e de recessão econômica. Observa-se que Santa Maria, na década de 70, viveu um período de prosperidade; o responsável por esta situação foi a CACISM.

A construção do Distrito Industrial foi o ato maior da entidade. Mas um "ato inovador não bem sucedido".

Santa Maria, no início dos anos 80, sofreu uma desindustrialização, apesar da propaganda, do discurso.

Tal fato poderá ser observado a partir dos dados apresentados pela Fundação de Economia e Estatística, publicados pelo Jornal "A Razão".

A região de Santa Maria foi a que apresentou pior desempenho em relação à produção industrial do Rio Grande do Sul: caiu de 2,11% em 1970 para 1,05% em 1980.

A participação da cidade na renda total (industrial) do Estado em 1980, foi de 6,12% apenas superando a Região de Cruz Alta. A sua participação no número total de estabelecimentos industriais do Rio Grande do Sul foi de 4,55%, em 1970, caindo para 3,68%, em 1980.

Muitas outras causas são dadas para tal decréscimo na industrialização em Santa Maria: uma delas é a sua posição geográfica, que fica distante da região mais industrializada do Estado (perimetropolitana e Caxias do Sul) e não tem a vantagem,

como a região industrializada do Estado, de localizarem-se uma próxima da outra, como é o caso de Porto Alegre, que participa com mais da metade do valor industrial estadual.³² Outra causa seria a própria atividade predominante em Santa Maria, o comércio.

TABELA 7

PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO E RENDA INDUSTRIAL					
Participação das regiões no total do valor produção industrial do RS.			Participação do setor industrial na renda total no RS.		
REGIÕES	1970	1980	REGIÕES	1970	1980
1. metropolitana	48,88	45,97	1. metropolitana		33,33
2. perimetropol.	9,60	11,15	2. perimetropol.	20,27	29,45
3. Caxias do Sul	11,89	13,47	3. Caxias do Sul		46,47
4. Passo Fundo	8,80	8,14	4. Passo Fundo		15,80
5. Erechim	4,50	4,00	5. Erechim		12,24
6. Cruz Alta	3,43	4,81	6. Cruz Alta		5,76
7. Santo Angelo	3,27	2,58	7. Santo Angelo		11,22
8. Santa Maria	2,44	1,05	8. Santa Maria	6,98	6,12
9. Cach. do Sul	3,98	4,24	9. Cach. do Sul	14,87	25,49
10. Alegrete	2,55	2,43	10. Alegrete		11,85
11. Bagé	1,48	1,23	11. Bagé		9,85
12. Pelotas	8,84	11,86	12. Pelotas	18,71	31,06
Fonte: Jornal "A Razão" de 05 e 06 mar. 1988					

Não só a indústria tem apresentado características negativas, mas a própria atividade comercial apresentou um crescimento negativo.

O comércio de Santa Maria, segundo o CDL (Clube de Diretores Lojistas), em 1980, comparado com 1979, teve um crescimento negativo de -12,58%, e em 1981 de -7,92%.

Quanto ao nível do desemprego, em fevereiro de 1980, houve 366 demissões a mais que de admissões. Em todo o ano houve 16.620

³² José Maria PEREIRA, A industrialização de Santa Maria, Jornal A Razão, 5. 6. mar. 1988, p. 10.

admissões e 15.547 demissões, segundo a subdelegacia do Ministério do Trabalho.

Como consequência da política adotada pelo governo de combate à inflação e equilíbrio da balança comercial e de pagamentos verifica-se em todo o Brasil uma clara tendência para a recessão econômica e para o desemprego. E Santa Maria está inserida no contexto nacional.³³

Como pode-se observar, tanto o decréscimo industrial de Santa Maria como um certo crescimento negativo do comércio, em meados de 1980, além de justificativas feitas anteriormente, são consequência dos efeitos da política econômica adotada no governo de João Figueiredo, que leva a economia brasileira a um período de recessão.

Em meados de 1981, houve um pouco mais de admissões do que demissões. Admitidos: 1.122 pessoas e demitidos: 1.045.

TABELA 8

RELAÇÃO DAS ATIVIDADES COMERCIAIS/ADMISSÕES E DEMISSÕES		
ATIVIDADES	ADMISSÕES	DEMISSÕES
comércio	227	351
indústria	86	89
transporte	72	43
construção civil	516	446
bancário	26	2
atividades diversas	195	114
Fonte: Boletim Informativo da CACISM maio/jun 1981: 2		

Qual seria para a classe empresarial, ou seja, a CACISM a solução para esta questão de desemprego ou de falta de empregos?

³³ José Maria PEREIRA, A Industrialização de Santa Maria, Jornal A Razão, 5-6 mar. 1988, p. 10

Pelo que se consta nos últimos meses, a situação de emprego no município de Santa Maria mantém-se estável, não dando oportunidade de trabalho à massa enorme de desempregados existentes na cidade. O problema parece ser mais angustiante para os jovens que pela primeira vez procuram uma oportunidade de trabalho. Daí a apreocupação das lideranças empresariais locais no sentido de trazer mais indústrias para Santa Maria, ampliando dessa forma o mercado de trabalho.³⁴

Mais uma vez aparece a INDUSTRIALIZAÇÃO de Santa Maria como a solução de um dos problemas da região: o desemprego, especialmente o da mão de obra profissional/intelectual formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Voltando à questão dos problemas enfrentados pela economia santa-mariense, também brasileira, devido o período de recessão, observa-se, no discurso da classe empresarial, o que esta vê como prejudicial, "males" para o País:

Logo a estatização da economia, o crescimento reduzido e a inflação compõem um prognóstico sombrio para todos nós empresários com um somatório de consequências pouco alentadoras. Mas se a todas a estas adversidades as empresas vêm suportando ao longo dos anos, dois males, elas não podem admitir. Dois males odiáveis sob todos os aspectos, mormementemente numa época de tamanhos sacrifícios e num país tão carente como o nosso. O primeiro é a desonestidade e mesmo a corrupção, que grassa livre e impunemente; o outro, é decorrente do uso indevido do dinheiro público, das mordomias, tão difundidas e disputadas no seio dos órgãos e das empresas estatais.³⁵

Em primeiro lugar, conforme acima, vê-se a estatização como

³⁴Boletim Informativo da CACISM, jul/ago 1981, p. 02.

³⁵ Ibid, p. 01.

um problema, uma característica negativa dentro da economia nacional, e mais, que as empresas estatais (ou seja, não privadas e multinacionais) constituem foco de desonestidade e de consumir o dinheiro público erroneamente.

Frente a esta difícil conjuntura a única linguagem compreendida pelas autoridades econômicas é a força de pressão. O nosso País tem imensas potencialidades e oportunidades. Os nossos governantes, apesar de muitos erros, procuraram dias melhores para nossa gente. É hora de trabalharmos ainda mais, de pressionarmos quando necessário.³⁶

O que é necessário fazer: ter consciência de classe, unida e forte, ciente de seus interesses e poder, e por isso pressionar o poder central para que este invista no desenvolvimento econômico do Brasil, dando apoio às empresas privadas e também permitindo o investimento de outras nações desenvolvidas em nosso País. Somos um dos países no mundo que oferece real viabilidade para investimentos. Os países desenvolvidos já estão com seus espaços para investimentos tomados e as nações da África e Ásia estão com sua economia incipiente e são politicamente inseguros.³⁷

A presente afirmativa concorda com o discurso da classe empresarial nacional, como pode-se observar nas palavras da FIESP:

... no que concerne ao clima para investimentos, não titubeamos em declarar, com o conhecimento da legislação em vigor nos principais países dos quatro continentes, que o Brasil - salvo restrições impostas a poucos setores da atividade industrial extrativa, restrições estas que não nos cabe analisar - é hoje uma das nações que maior liberdade de movimentos oferece aos

³⁶ Boletim Informativo da CACISM, set/out 1981, p. 01

³⁷ Ibid, p. 02

capitais estrangeiros ...³⁸

Assim o Brasil é o campo propício para o investimento e para o desenvolvimento do capital estrangeiro.

A classe empresarial de Santa Maria e Nacional exige do governo o estímulo, investimento, proteção, liberdade à iniciativa privada, seja ela industrial ou comercial. Consideram-se as empresas estatais como concorrentes e prejudiciais ao desenvolvimento do País, enquanto as empresas privadas estrangeira apenas vêm beneficiar, ou seja, são imprescindíveis para a expansão econômica do mesmo.

Há a defesa do desenvolvimento associado em que capitais nacionais e estrangeiros participam em iguais condições, ou seja, a iniciativa privada nacional e estrangeira.

Outro aspecto que se tem a salientar, da citação anterior, é a consciência do empresariado a respeito da importância da união da classe e o conseqüente poder que isso (além do fator econômico) lhe garante.

Em relação à questão da industrialização de Santa Maria, e analisando os motivos dados pela reportagem do Jornal "A Razão", citado anteriormente (página 63), pode-se notar algo talvez contraditório, ou seja, a prática e o discurso da classe empresarial local. O discurso pela industrialização é histórico apesar de se acentuar como proposta a partir de 1970.

Levando em consideração a posição geográfica de Santa Maria, como também a existência de um grande número de funcionários públicos, faz com que tenha toda uma infraestrutura que beneficie o estabelecimento de firmas comerciais. Em 1982,

³⁸ Maria José TREVISAN, 50 anos em 5: A FIESP e o desenvolvimento, p. 88

segundo dados do SMPIC (Secretaria Municipal de Produção Indústria e Comércio), há 3.874 estabelecimentos comerciais e, 3.213 de prestação de serviços.

Mais um dado que mostra a predominância da atividade comercial: é a cidade que mais arrecada impostos nesta atividade.

Em 1985, por exemplo, a arrecadação do Município foi de 266% (média do crescimento nominal), enquanto a média do Estado do Rio Grande do Sul foi de 245%.

FIGURA 14

ARRECADAÇÃO DE IMPOSTOS DE 1985 EM SANTA MARIA/RIO GRANDE DO SUL

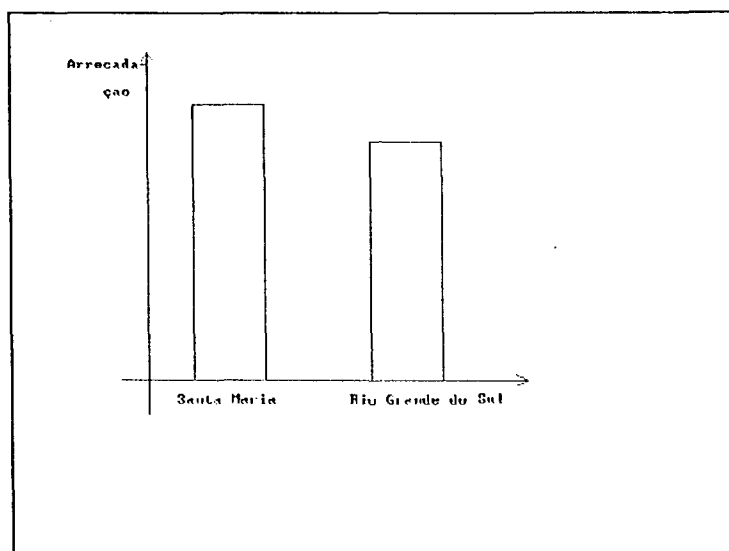


Figura 2

Assim, a arrecadação do Município é acima da média do Estado. Mas o retorno do ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias) é baixíssimo. Isto se deve à baixa participação das lojas de fora que têm filiais em Santa Maria, bem como os investimentos destas, que vão para fora do Município.

De 75% do lucro das empresas de fora, apenas 25% fica na filial. É necessário o recolhimento de trinta e uma firmas de

fora para alcançar o recolhimento de apenas duas firmas locais.

Além de Santa Maria ser uma cidade comercial, entra aqui a questão de pouca reprodução de capital e também, a falta de investimentos, tanto de fora do Município como de dentro.

Assim, temos o perfil do empresário de Santa Maria: é uma classe ligada ao ramo comercial diversificado³⁹, ou de um comportamento comercial que tem suas origens nas famílias tradicionais da cidade, que iniciaram no comércio com pequenos estabelecimentos e que hoje têm destaque na cidade e região.

Os comerciantes (maioria) e pequenos industriais da cidade investem seus lucros em diversos ramos do comércio e em terras; onde observa-se que a classe comercial confunde-se com a classe latifundiária local.

Há, então, um projeto de industrialização, com uma base de inovações no setor de infraestrutura da cidade e há um discurso que leva a isto, mas ao mesmo tempo, não se investe nesta atividade, como observou-se, anteriormente, através dos dados apresentados.

O empresário investe onde tem um melhor retorno, melhor lucratividade e segurança. Se ele não tem condições de competir, ele se desvia do negócio original.

A indústria não desenvolveu-se em Santa Maria porque os empresários nos anos passados, observavam que os rendimentos

³⁹ Ramo Comercial:

1º Bar, armazéns, restaurantes, lancheria,

2º Feirantes, atacadistas, cooperativas de consumo...

3º Gêneros alimentícios,

4º Bazar e armarinho em geral (relojoaria, ótica, joalheria, material fotográfico, impressos, depósitos, sucatas,

5º Vestuário - Produtos de consumo agropecuários, materiais elétricos, eletrodomésticos, eletrônicos, materiais de construção, móveis, miudezas de uso comercial e doméstico, produtos farmacêuticos/químicos, derivados de petróleo, veículos motores, máquinas, acessórios, etc.

no comércio eram maiores e mais seguros.

Tal fala apresentada acima pertence a Cirilo Costa Beber, em uma entrevista concedida em 1990.

As causas apresentadas pela CACISM como fatores da não industrialização de Santa Maria ou, de sua desindustrialização a partir dos anos 80, são: as altas taxas de juros, a situação econômica e social que constituíram inseguranças para os investimentos (não se pode projetar um futuro) e a falta de apoio do poder público local.

Além dessas, é acrescentado outro aspecto: a mentalidade do empresariado local, como se pode observar no discurso apresentado anteriormente, onde se justifica o porquê do investimento em outros setores, bem como, a prioridade, ao comércio em relação à indústria.

Observa-se também que o discurso pela industrialização não levou em consideração a realidade histórica-econômica local, ou seja, foi construído um projeto desvinculado da indústria que, desde o século passado vinha trazendo um relativo crescimento à cidade, que era a atividade ligada ao setor agropecuário (agroindústria).

A mentalidade do empresariado local seria uma das explicações, unida a realidade histórica brasileira, gaúcha e local, para justificar o porquê de Santa Maria possuir na atividade comercial, a essência da sua economia.

3 - A CACISM e o "Ato Inovador"

A partir do histórico que se apresentou da atividade comercial de Santa Maria, do surgimento e atuação da associação

da classe empresarial - a CACISM e da afirmação feita da desindustrialização da cidade, como fica o objetivo de identificar-se o modelo schumpeteriano do empresário inovador na atuação da CACISM?

A partir desta afirmativa e do levantamento de dados e análises que se apresentou, no decorrer do trabalho, acredita-se que a CACISM, atuou como sujeito do desenvolvimento econômico de Santa Maria, no período privilegiado por este estudo.

Schumpeter afirma que o início de um processo de desenvolvimento ocorre precisamente no âmbito da produção, em consequência de eventos que modificam, às vezes, profundamente, os velhos sistema produtivos. Tais eventos modificadores são chamados de "inovações". E quem executa tais inovações é o empresário, chamado este ato, de "ato empresarial".

Quando uma inovação ou novo produto aparece no mercado, fará uma substituição dos velhos produtos e hábitos dos consumidores, fazendo com que os demais produtores invistam nessa inovação, que deixará de ser inovação. Quando isso ocorre, o mercado se estabiliza e tende, a partir daí, a haver um retraimento/declínio, surgindo uma nova inovação como estímulo à economia.⁴⁰

A CACISM não lança um novo produto ao mercado, mas introduz modificações que influenciaram no desenvolvimento econômico de Santa Maria, como: a cidade ferroviária passará a ser um entroncamento rodoviário; havia e há melhoria da infraestrutura da cidade (rede de esgoto, comunicações, transportes, etc).

Tais modificações foram inovações que contribuíram para a implantação do Distrito Industrial, que é um objetivo e

⁴⁰ Paulo HUGON, *Evolução do Pensamento Econômico*, p. 301

iniciativa da CACISM.

Assim sendo, o Distrito Industrial seria um "ato inovador", tendo em vista que a atividade predominante em Santa Maria é a comercial e de prestação de serviços.

Com tal inovação, pretendia-se que o empresariado local se voltasse à atividade industrial, bem como o poder público local, mas, efetivamente, isso não ocorreu, se tornando uma inovação mal sucedida.

As inovações lideradas pela CACISM irão dar um impulso, sustento e afirmação à atividade comercial, alimentada, entre outros, por uma população flutuante que chega à cidade mormente nos períodos letivos, acrescido do grande número de funcionários públicos, e que constituem uma sólida base ao comércio local.

No período de 1885 a mais ou menos 1950 tinha-se a Viação Férrea como setor estimulador da economia local. O comércio e a indústria estavam voltados à Viação Férrea e eram limitados e se sustentavam através dela, no entanto, esta dependência contribuiu para a não acumulação de capital necessário aos investimentos (na indústria, especialmente).

Os Guias Municipais, Jornais, Álbuns Históricos e Boletins da CACISM citam muito a crença num futuro industrial para Santa Maria, mas não passam de intenções, porque, efetivamente, a maior parte do empresariado local não investiu neste setor.

Com a crise da Viação Férrea vem para Santa Maria a Universidade Federal, sendo o primeiro Campus Universitário Federal do interior do Brasil. A UFSM será um novo estímulo para o comércio local, ou um novo recurso para mantê-lo.

A CACISM, apoiando a criação dos Cursos da área econômica, como o da Administração de Empresas, acreditava que além de

formar mão-de-obra especializada, contribuíssem estes cursos na concretização do projeto de industrialização de Santa Maria. Pelos dados fornecidos do Jornal "A Razao"⁴¹, quanto à desindustrialização local, observa-se que tal objetivo não se concretizou.

Aqui, deve-se fazer as seguintes observações, a partir das observações de Claudio Napoleoni baseadas em Schumpeter:

"A inovação comporta geralmente a construção de instalações novas ou pelo menos uma transformação radical nas instalações velhas. Isto não é absolutamente indispensável mas deve-se notar que todas as inovações que não comportem a consequência acima mencionada são inovações de menor relevo, quer dizer, que não caracterizam o processo de desenvolvimento."⁴²

"... a introdução de uma inovação requer a ruptura de uma série de resistências sociais."⁴³

A CACISM foi a principal agente do progresso em Santa Maria na década de 70, introduzindo modificações que propiciaram, graças ao seu resultado desenvolvimentista, a construção do Distrito Industrial.

A construção do Distrito Industrial foi um ato ousado dentro da realidade histórico-econômica da cidade, mas que não foi capaz de romper com as resistências dessa mesma realidade.

Assim, pode-se afirmar que a construção do Distrito Industrial foi uma "inovação mal sucedida" ou, de menor relevo, pois realmente não proporcionou o progresso desejado.

É importante que se tenha a clareza da seguinte

⁴¹ José Maria PEREIRA, A industrialização de Santa Maria, Jornal A Razao, 5/6 mar. 1988, p. 10

⁴² O pensamento econômico do século XX, p. 53.

⁴³ Ibid, p. 59.

advertência: a atuação da CACISM enquanto órgão representativo e líder da classe empresarial e, o empresário indivíduo em sua prática cotidiana.

O empresariado local na sua maioria (80%) e não na sua totalidade, pretende ter com sua empresa (empresa familiar) uma renda estável, no qual investe no que é estritamente necessário para produzi-la novamente e, o excedente, investe em artigos de luxo para uso particular/familiar e/ou em outros setores, como na aquisição de latifúndios.

O empresário não se preocupou em organizar e preparar a sua família⁴⁴ ou pessoal capacitado (na empresa) para o futuro, não investiu no progresso contínuo, mas alimentou a consciência de limitação.

A função empresarial é não apenas o veículo de contínua reorganização do sistema econômico, mas também o veículo de mudanças contínuas nos elementos que constituem os estratos mais altos da sociedade.⁴⁵

... e à sua maneira especial tanto a ascensão quanto a queda de famílias e empresas são muito características do sistema econômico capitalista, de sua cultura e de seus efeitos ...⁴⁶

Tendo-se uma análise crítica do todo e através da análise diacrônica dos fatos em toda a sua extensão, pode-se dizer enfaticamente: o discurso não ultrapassa as barreiras das intenções, vindo este apenas sustentar o "status-quo".

⁴⁴Para ler sobre Empresa Familiar indica-se as obras de: Renanto Bernholft "Empresa Familiar", da Editora Nobel e, Joao Bosco Lodi, "O fortalecimento da Empresa Familiar", da Editora Pioneira.

⁴⁵ Joseph A. SCHUMPETER, A Teoria do Desenvolvimento Econômico, p. 104

⁴⁶ Ibid., p. 168

CONSIDERAÇÕES FINAIS

História é uma "ciência em construção", não só no sentido da conquista do método científico, mas quanto a produção do conhecimento. Somente através deste, os homens terão condições de assumir, conscientemente, o ser sujeito da História.

Por isso acredita-se na importância do estudo da História Local (História Regional), porque esta é a que está aparentemente mais próxima dos agentes históricos e, o seu conhecimento, faz com que a realidade global seja mais claramente percebida.

Assim, o presente estudo, pretende ser uma contribuição na construção da História Regional.

Santa Maria tem como características básicas: ser centro comercial e prestação de serviços, centro militar e religioso, centro ferroviário e educacional.

Este trabalho procurou resgatar uma destas características, que se acredita estar intimamente ligada às demais, que é a atividade comercial.

Para tanto, optou-se pelo estudo da classe empresarial local e mais especificamente à organização coletiva da mesma, a CACISM.

Acredita-se que a CACISM teve, especialmente no período de 1969 a 1983, uma atuação direta no desenvolvimento local e regional, proporcionando a tentativa de relacionar sua postura com o modelo schumpeteriano.

O discurso da CACISM não foge do discurso da classe empresarial nacional, onde o neoliberalismo e o destaque à industrialização estão presentes. Mas, quando se refere à industrialização, observa-se que não ultrapassa as fronteiras do discurso.

A industrialização em Santa Maria, no início do presente século, estava vinculada às possibilidades da Viação Férrea e também com o mercado que esta atingia (interno e externo).

A indústria, como se tratou anteriormente, estava vinculada à produção agropecuária, colaborando para o sustentáculo do Rio Grande do Sul em ser o "celeiro do Brasil". Mas, especialmente, com a crise do café, outros estados brasileiros passaram a investir na agropecuária e entraram com seus produtos no mercado gaúcho, além da instalação de indústrias de fora do Estado, bem como de multinacionais.

Tais fatos, levaram a competição dos produtos locais e regionais com os dos outros estados, acrescidos da gradativa decadência da Viação Férrea.

Isto tudo contribuiu para que o comércio se mantivesse como atividade econômica principal em Santa Maria, pois este se harmonizou e se vinculou aos novos fornecedores (não locais).

Observa-se, assim, que a forma de acumulação de capital, o perfil do empresário local e a sua mentalidade estão vinculadas à atividade comercial, não sendo capazes de gerarem condições para efetiva industrialização.

Santa Maria, até meados de 1960, foi impulsionada em sua economia, em última instância, por estímulos externos, ou seja, a implantação da Viação Férrea e a criação da UFSM. A CACISM,

assumindo a consciência de classe, que deve ser líder do processo histórico, tenta ultrapassar tal fase (interna e externa), procurando ser o agente efetivo e propulsor do crescimento econômico (talvez pela inexistência de novos estímulos externos). crescimento este, que atingiu especialmente o comércio e não a indústria, pois o objetivo da industrialização esbarrou na mentalidade histórica local de limitação, ou seja, na "atividade comercial tradicional".

Esta "atividade comercial tradicional" é reflexo de empresas comerciais que no período de 1969 a 1983, com os diversos estímulos recebidos, como, a melhoria da infraestrutura, meios de comunicação, entre outros, revindicados pela CACISM, não souberam aproveitar os rendimentos obtidos, com o passar do tempo, para a aplicação em investimentos, como: modernização de suas empresas, capacitação e valorização da mão de obra, preparo adequado da descendência familiar.¹

Um exemplo de tal afirmação, acrescido da realidade econômica brasileira - que, desde "1983, é dominada pelo pessimismo e pela falta de perspectiva"² - é o processo de crise e fechamento de empresas que, se acelerou, a partir do final de 1990, ocasionando um decréscimo no desenvolvimento da cidade.

Isto vem destacar e comprovar dois fatos: a mentalidade hermética do empresário santa-mariense e, ao mesmo tempo, a atuação "inovadora" (restrita) da CACISM, no período de 1969 a 1983, como entidade de classe propulsora da economia local no que

¹ Aqui se faria necessário um estudo de caso, sobre empresas familiares de Santa Maria.

² Luiz Carlos Bresser PEREIRA, Desenvolvimento e Crise no Brasil, p. 275

tange ao desenvolvimento comercial. Fato este, que não se observa mais no decorrer dos anos 80.

Poderá parecer contraditório a proposta de tal trabalho e a conclusão a qual se chega.

A CACISM no período de 1969 a 1983 foi realmente a mola propulsora, especialmente da atividade comercial local; sendo líder em iniciativas de melhorias fundamentais para a cidade, como foi demonstrado. Mas seu "ato inovador" maior, se assim pode se chamar, dentro das características locais, foi a construção do Distrito Industrial - um "ato inovador" sem sucesso.

Crê-se que a CACISM como entidade representativa foi além das possibilidades daqueles nos quais ela representava, tentando superar suas próprias limitações. Atualmente com o projeto do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), tenta encontrar formas de tornar este "ato criativo" em "ato inovador" Schumpeteriano.

Assim, a adoção do modelo Schumpeteriano não poderá ser aplicado integralmente a CACISM.

Acredita-se que tal trabalho abre caminhos a novos estudos, interpretações e pesquisas. A nossa história tem que ser escrita e reescrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I - Fontes Primárias

1. Manuscritas

- Atas da Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria (CACISM)

1. Livro nº 1(1909-1918)(1927-1933), 55 atas
2. Livro nº 2(1936-1942), 152 atas
3. Livro nº 3(1942-1946), 59 atas
4. Livro nº 4(1947-1949), 44 atas
5. Livro nº 6(1954-1967), 197 atas
6. Livro nº 7(1967-1969), 57 atas

2. Impressas

2.1. Atas da CACISM

- 2.1.1. Livro nº 8(1970-1974), 121 atas
- 2.1.2. Livro nº 9(1974-1976), 62 atas
- 2.1.3. Livro nº 10(1976-1987), 223 atas

2.2. Boletins da CACISM, 1943 a 1950 e 1970 a 1986 (mensal)

2.3. Estatuto da Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria de 29 de junho de 1957, alterado em 14 de janeiro de 1958.

2.4. Estatuto da Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria de 1º de outubro de 1976.

II - Bibliografia geral e específica

1. ABREU, José Pacheco (org). Álbum Ilustrado comemorativo do Primeiro Centenário da Emancipação de Santa Maria (RS) - 17 de maio de 1858 - 17 maio de 1958. s.l: Emp. Gráfica Metrópole, 1958.
2. _____. Guia Geral do Município de Santa Maria. - 1953.
3. ATLAS Histórico, MEC 1980.
4. BELÉM, João. História do Município de Santa Maria (1797 - 1933). Porto Alegre: Livraria Selbach, 1933.
5. BELINAZZO, Terezinha Maria. A população da Paróquia de Santa Maria da Boca do Monte. (1844 - 1882). Curitiba, UFPR, 1981. 299p. Dissertação de Mestrado em História.
6. BELTRÃO, Romeu. Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho. 2. ed. Canoas; La Salle, 1979. 581 p.
7. BERNHOEFT, Renato. Empresa Familiar. São Paulo: Nobel, 1989. 179p.
8. BRUM, Argemiro J. O desenvolvimento econômico brasileiro. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 220p.
9. CARDOSO, Edmundo (org). Um momento da vida do Município de Santa Maria. Porto Alegre: Globo, 1941. 104p.
10. CARDOSO, Ciro Flamarion S. Uma introdução à História. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 124p. (coleção primeiros vãos).
11. COSTA, Alfredo R. (org.). O Rio Grande do Sul.

- Porto Alegre: Globo, 1922. v.2.
12. COSTA, Odah Regina Guimarães. Ação Empresarial do Barão do Serro Azul. Curitiba: Grafipar, 1981. 81 p.
 13. DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sergius (org). RS: Economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. 424 p. (Documenta, 2).
 14. FERREIRA, Jurandir Pires. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. V.34
 15. DE DECCA, Edgar. 1930: o silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1986.
 16. FURTADO, Celso. Análise do "modelo" brasileiro. 8 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986. 122 p.
 17. GOMES, Gilmar. Santa Maria: o sonho da industrialização. Correio do Povo, Porto Alegre, 19 out. 1986, caderno do Interior, p. 19.
 18. HOBBSBAWN, Eric. J. A era das revoluções (1789 - 1848). Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 366 p. p. 43-69: a revolução industrial. Original em Inglês.
 19. HUGON, Paul. Evolução do pensamento econômico. 2 ed. São Paulo. Atlas, 1967. p. 299-302: economia dinâmica e macroeconomia - Joseph Schumpeter.
 20. ISAIA, Antônio (org). Revista comemorativa dos 80 de fundação da CACISM. Santa Maria, s.n., 1977.

21. IZABELLE, Arsene. Voyage a Buenos Aires et a Porto Alegre(1833-34).
22. JORNAL "A Razão", Santa Maria, 16 de jul. 1986, n. 195, p. 3-29.
23. _____. Santa Maria, 30 jun. 1987, suplemento especial.
24. KUHN, Olinto José (org). Livro guia geral de Santa Maria - 1981. Santa Maria: Guimapa, 1981.
25. _____. Santa Maria - livro guia geral de 1983. Santa Maria: Pallotti, 1983.
26. _____. Livro Guia Geral de Santa Maria da Boca do Monte (1985-86). Santa Maria: Pallotti, 1985.
27. LODI, Joao Bosco. O fortalecimento da empresa familiar. 2. ed. Sao Paulo: Pioneira, 1986.
28. NAPOLEONI, Cláudio. O pensamento econômico do século XX. Trad. Aloísio Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
29. PADOIN, Maria Medianeira. A Câmara de Comércio e Indústria de Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 1986. Monografia de Especialização em História.
30. PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Economia Brasileira: uma introdução crítica. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 191 p.
31. _____. Desenvolvimento e crise no Brasil (1930-1983). São Paulo:Brasiliense, 280 p.
32. PEREIRA, José Maria. A (des)industrialização de Santa Maria, Jornal "A Razão", Santa Maria, 5.6 mar. 1988, p. 10.
33. PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande

- do Sul. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, 142 p. (Série revisão, 1).
34. _____. História Regional Repensada, In: Autonomia ou Submissão? Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 20-35. (Série Depoimentos, 5).
35. _____. A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho (1889-1930). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 280p. (Série documentos, 23).
36. _____. RS: agropecuária comercial & industrialização. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 216 p. (Série documenta, 17).
37. _____. Revolução Farroupilha. Sao Paulo: Brasiliense, 1985 (tudo é história, 101).
38. PICCOLO, Helga I L. A política rio-grandense no Império. In: RS economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 93 - 117. (série documenta, 2).
39. PRADO Jr, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 1782 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 330p.
40. RECHIA, Aristilda A. Santa Maria: cidade sol, coração gaúcho. Santa Maria.
41. REICHEL, Heloísa Jochims. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: RS: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979, p. 255-275.
42. REVISTA Comemorativa do Primeiro Centenário de fundação da Cidade de Santa Maria - 1914. Porto Alegre: Globo, 1914.

43. REVISTA Comemorativa de Inauguração do Palácio do Comércio e Indústria de Santa Maria. Santa Maria s.n, 1978.
44. RIBEIRO, Nely. Os meios de Comunicação em Santa Maria: a Viação Férrea e a imprensa. Santa Maria: UFSM, 1979.
45. SAINT-HILAIRE, Augusto de. Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-21). Tradução de Azevedo Pena, Porto Alegre: Campanhia Editora Nacional, 1939. Original em francês.
46. SCHUMPETER, Joseph A. A teoria do desenvolvimento econômico. Trad. Maria Sílvia Possas. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 169 p. (Coleção os economistas). Original em inglês.
47. TREVISAN, Maria José. 50 anos em 5: A FIESP e o desenvolvimentismo. Petrópolis: Vozes, 1986. 205 p.
48. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Estrutura da Dissertação - Tese e sua apresentação gráfica. Santa Maria, 1989, 55 p.a